

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
Curso de Dança-Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

Dança e Docência em uma Perspectiva Autoetnográfica:
Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas
Artes Heitor de Lemos de Rio Grande – RS

Sidinéia Milano Garcia

Pelotas, 2023.

Sidinéia Milano Garcia

Dança e Docência em uma Perspectiva Autoetnográfica:

Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas
Artes Heitor de Lemos de Rio Grande – RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Dança-Licenciatura da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciatura em
Dança.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carmen Anita Hoffmann

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G216d Garcia, Sidinéia Milano

Dança e docência em uma perspectiva autoetnográfica : memórias e reflexões sobre a trajetória dançante na EBAHI - Escola de Belas Artes Heitor de Lemos de Rio Grande - RS / Sidinéia Milano Garcia ; Thiago Silva de Amorim Jesus, orientadora ; Carmen Anita Hoffmann, coorientador. — Pelotas, 2023.

115 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança) — Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Formação em dança. 2. Auto-etnografia. 3. Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. 4. Memória. 5. Professora-artista. I. Jesus, Thiago Silva de Amorim, orient. II. Hoffmann, Carmen Anita, coorient. III. Título.

CDD : 793.3

Sidinéia Milano Garcia

Dança e Docência em uma Perspectiva Autoetnográfica:

Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas Artes Heitor de Lemos de Rio Grande – RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

Data da Defesa: 21/09/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (Orientador)

Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Carmen Anita Hoffmann (Coorientadora)

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Daniela Llopert Castro (Avaliadora)

Doutora em Motricidade Humana pela Universidade de Lisboa

Prof^a. Dr^a. Flávia Marchi Nascimento (Avaliadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram tanto para minha formação docente quanto para minha formação artística.

Agradecimentos

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo do tempo em que estivemos juntos academicamente, mesmo eles tendo completado esse percurso antes de mim.

Aos professores Dr.^a Carmen Anita Hoffmann e Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, por terem sido meus orientadores e terem desempenhado tal função com dedicação e amizade.

À escola de Belas Artes Heitor de Lemos por ter sido o ponto de partida em minha trajetória dançante e por me receber de portas abertas para consolidação de mais uma etapa de minha carreira.

RESUMO

GARCIA, Sidinéia Milano. **Dança e Docência em uma perspectiva Autoetnográfica: Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas Artes Heitor de Lemos Rio Grande – RS.** Orientadores: Prof. Dr. Carmen Anita Hoffmann e Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus. 2023. 115–f. Monografia (Graduação) – Dança-Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Este estudo foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão do Curso de Dança-Licenciatura no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas-RS, estando vinculado ao Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq). A monografia aborda quais as reflexões artístico-pedagógicas possíveis surgem a partir das memórias e experiências como professora-artista na trajetória da pesquisadora junto à Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, da cidade de Rio Grande-RS. Tem como objetivo geral revisitar as memórias e refletir sobre a trajetória dançante na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos e como objetivos específicos pesquisar e registrar a história da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos a partir da trajetória dançante da pesquisadora e refletir sobre a formação docente em dança a partir da experiência na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos e na Universidade. A necessidade desses registros surge pelo fato de denotar que as experiências e vivências da pesquisadora também fazem parte, em certo momento, da história da escola e influenciam sua formação como docente e como artista. A pesquisa desenvolvida adota uma bricolagem metodológica, articulando investigação de cunho auto-etnográfico e pesquisa histórica, orientando-se por uma abordagem qualitativa através da narrativa de fatos históricos e das memórias da pesquisadora, bem como análise e reflexão das mesmas. Como principais autores e autoras do trabalho, trago Mônica Fagundes Dantas, Daniela Beccaccia Versiani, Sylvie Fortin, Ezio da Rocha Bittencourt, Andrea Maio Ortigara, Luiz Henrique Torres, Beatriz Batezat Duarte e Vanessa Rocha de Oliveira. Ao revisitar memórias, percebo a importância e relevância da EBAHL para a dança e a arte em Rio Grande-RS. A escrita resultou em um processo de investigação de como o ambiente da EBAHL, bem como as experiências em docência e em dança, dentro e fora desta escola, contribuíram de forma significativa na minha formação enquanto professora-artista, uma vez que sigo em permanente processo formativo.

Palavras-chave: Formação em Dança; Auto-etnografia; Escola de Belas Artes Heitor de Lemos; Memória; Professora-Artista

ABSTRACT

GARCIA, Sidinéia Milano. **Dance and Teaching from an Autoethnographic Perspective: Memories and Reflections on the Dancing Journey at EBAHL - Heitor de Lemos School of Fine Arts, Rio Grande - RS.** Advisor: Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus. Co-Advisor: Prof^a. Dr^a. Carmen Anita Hoffmann. 2023. 115 pages. Monograph (Bachelor's Degree) - Dance Teaching, Center for the Arts, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

This study was developed as the Final Project of the Dance Teaching program at the Center for the Arts of the Federal University of Pelotas-RS, affiliated with the OMEGA Research Group - Observatory of Memory, Education, Gesture, and Art (UFPel/CNPq). The monograph addresses the possible artistic-pedagogical reflections that emerge from the memories and experiences as a teacher-artist in the researcher's journey at the Heitor de Lemos School of Fine Arts in the city of Rio Grande-RS. The general objective is to revisit the memories and reflect on the dancing journey at the Heitor de Lemos School of Fine Arts, with specific objectives to research and document the history of the Heitor de Lemos School of Fine Arts from the researcher's dancing trajectory and reflect on dance teacher training based on the experience at the Heitor de Lemos School of Fine Arts and the university. The need for these records arises from the fact that the researcher's experiences and life also, at a certain point, become part of the school's history and influence her development as a teacher and artist. The research adopts a methodological bricolage, combining autoethnographic research and historical research, guided by a qualitative approach through the narrative of historical events and the researcher's memories, as well as their analysis and reflection. The main authors in this work include Mônica Fagundes Dantas, Daniela Beccaccia Versiani, Sylvie Fortin, Ezio da Rocha Bittencourt, Andrea Maio Ortigara, Luiz Henrique Torres, Beatriz Batezat Duarte, and Vanessa Rocha de Oliveira. Revisiting memories, I recognize the importance and relevance of EBAHL for dance and art in Rio Grande-RS. The writing resulted in an investigation process of how the EBAHL environment, as well as teaching and dance experiences within and outside of this school, significantly contributed to my development as a teacher-artist, as I continue in a constant formative process.

Keywords: Dance Education; Autoethnography; Heitor de Lemos School of Fine Arts; Memory; Teacher-Artist.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aquarela Porto Velho em 1852, de Hermann Wendroth	20
Figura 2 - Fotografia da rua Marechal Floriano próximo à esquina com Andradas - com areias e sem calçamento - no ano de 1868. Acervo: Biblioteca Rio-Grandense.....	20
Figura 3 - Fotografia dos fundos do antigo Cine Teatro 7 de Setembro (Praça Júlio de Castilhos), Rio Grande, RS	22
Figura 4 - Fotografia do Antigo Cine Theatro Avenida, atual Teatro Municipal do Rio Grande	23
Figura 5 - Fotografia do interior do Teatro Municipal atualmente	24
Figura 6 - Fotografia do Centro Municipal de Cultura.....	25
Figura 7 - Fotografia do Relatório de atividades da EBAHL (Contratação de Professora de Dança).....	29
Figura 8 - Fotografia do Programa de Apresentação no Teatro 7 de Setembro.....	30
Figura 9 - Digitalização do folder de Regulamento do Dança Rio Grande 2002	32
Figura 10 - Digitalização do Crachá (frente/verso) do Dança Rio Grande 2002.....	32
Figura 11 - Fotografia com Carlinhos de Jesus no Dança Rio Grande 2002	33
Figura 12 - Cartaz virtual do Festival de Dança Zona Sul	34
Figura 13 - Digitalização do Crachá do IV Cassino em Dança.....	34
Figura 14 - Digitalização do Certificado do IV Cassino em Dança	35
Figura 15 - Fotografia do momento de integração da juventude e da terceira idade no IV Cassino em Dança.....	35
Figura 16 - Fotografia de uma das oficinas de dança no IV Cassino em Dança.....	36
Figura 17 - Fotografia "Dia de corrida no Jockey Club", Acervo: Papareia	37
Figura 18 - Fotografia do pátio interno da escola	37
Figura 19 - Fotografia das páginas da cópia da ata da Sessão Solene de inauguração do Conservatório de Música em 1º de abril de 1922.....	38
Figura 20 - Fotografia da atual fachada da EBAHL.....	40
Figura 21 - Fotografia do Grupo de Dança da EBAHL na apresentação do Espetáculo "Joyaux"	41
Figura 22 - Print do layout da página do Facebook da EBAHL	42
Figura 23 - Print do layout da página do Instagram da EBAHL.....	43

Figura 24 - Digitalização do Programa do Espetáculo "A Floresta Encantada do Chapeuzinho Vermelho"	49
Figura 25 - Fotografia de capas de Programas e Cartz de Espetáculos de 2017 a 2019	51
Figura 26 - Infográfico da linha do tempo parte 1	53
Figura 27 - Infográfico da linha do tempo parte 2.....	54
Figura 28 - Infográfico da linha do tempo parte 3.....	55
Figura 29 - Infográfico da linha do tempo parte 4.....	56
Figura 30 - Fotografia de parte da capa da pasta de cadastro na EBAHL	62
Figura 31 - Fotografia com Sheila Aquino no 2º Encontro de Dança de Salão em Pinheiro Machado-RS	63
Figura 32 - Fotografia da minha 1ª Apresentação na EBAHL	64
Figura 33 - Fotografia de um trecho do meu diário	65
Figura 34 - Fotografia da fachada do antigo prédio da EBAHL	66
Figura 35 - Fotografia das páginas do meu Diário de Memórias.....	68
Figura 36 - Fotografia detalhe da minha 1ª Apresentação na EBAHL	71
Figura 37 - Fotografia de momento de descontração da turma de 2015.....	77
Figura 38 - Fotografia após apresentação de trabalho em História da Dança	77
Figura 39 - Fotografia do Elenco do Espetáculo [COM]Fusão	78
Figura 40 - Cartaz virtual do Espetáculo [COM]Fusão	79
Figura 41 - Fotografia de parte da equipe de apoio do Espetáculo [COM]Fusão.....	80
Figura 42 - Fotografia com parte da turma em que estagiei no Colégio Félix da Cunha	82
Figura 43 - Fotografia com alguns alunos da turma em que estagiei no Colégio Félix da Cunha.....	84
Figura 44 - Print da tela da aula on line da turma que estagiei na EMEF Osvaldo Cruz	85
Figura 45 - Fotografia de gravação de exercício para edição de vídeo.....	87
Figura 46 - Fotografia de divulgação da vídeo-dança "Cristalina"	89
Figura 47 - Fotografia de aula presencial durante à Pandemia de COVID	90
Figura 48 - Fotografia de um momento como professora	92
Figura 49 - Fotografia de um momento artístico.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de Professoras Área da Dança	46
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	RIO GRANDE E SUA CULTURA: CONTEXTUALIZANDO O AMBIENTE DE ESTUDO	19
2.1	A DANÇA EM RIO GRANDE	25
2.2	ESCOLA DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS	36
2.3	A DANÇA NA ESCOLA DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS.....	43
3	MINHA TRAJETÓRIA NA DANÇA	52
4	MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA-ARTISTA NA EBAHL ..	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICES	100
	Apêndice A - Roteiro das Entrevistas	101
	ANEXOS	102
	Anexo A - Lei Nº 703 de 03 de Junho de 1954.	103
	Anexo B – Lei Nº 3356 de 26 de Março de 1979.....	104
	Anexo C – Transcrição da Entrevista nº1.....	105
	Anexo D – Transcrição da Entrevista nº2.....	108
	Anexo E – Transcrição da Entrevista nº3.....	110
	Anexo F – Autorização de Depoimento Oral.....	113
	Anexo G – Autorização de Depoimento Oral	114
	Anexo H – Autorização de Depoimento Oral	115

1 INTRODUÇÃO

Na tentativa de estabelecer uma trajetória permeada de minhas recordações, começo a introdução deste trabalho apresentando um pouco do contexto da dança e da história do município de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, cidade portuária e litorânea do extremo sul do país onde nasci e realizei minhas primeiras experiências em dança. Vale mencionar que se trata de um município vizinho à Pelotas, cidade-sede da Universidade Federal de Pelotas, ambiente de estudo onde realizo presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Segundo informações de Bittencourt (2007) a dança em Rio Grande surge em meio as atividades culturais nas casas e sociedades organizadas e com maior expressão cênica a partir das construções dos primeiros teatros, impulsionando o movimento artístico e cultural no município. Era um período de ebulição do cenário cultural riograndino. O processo de construção desenvolveu-se para suprir a necessidade da elite da época e a necessidade das companhias teatrais, oriundas de várias partes do Brasil e do Mundo, que passavam pelo município chegando através do Porto. Além das peças teatrais, os espaços realizavam a exibição de filmes, pois também tinham essa finalidade.

Em meio ao crescimento da atividade cultural, observa Duarte (1997) que notou-se a necessidade da introdução mais formal dos estudos em dança, pois as filhas dos senhores da sociedade que iam estudar na capital, e até mesmo em outros países, começaram ali a ter contato com a dança e, ao retornar, não teriam como dar continuidade aos seus estudos em Ballet Clássico. Assim, nascem as primeiras classes e escolas de dança clássica na cidade.

No contexto de efervescência cultural então instaurado, e conforme documentos da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, como PPP (Plano Político Pedagógico) e cópias de atas antigas, surgiu em 1922 o Conservatório de Música, fundado por contrato entre o Governo Municipal e o Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul que, em 1954, foi elevado por lei, à categoria de Escola de Belas Artes. Em 1965, recebeu a denominação de “Professor Heitor Figueira de Lemos”. No princípio, atuava com cursos de Música e introdução dos cursos de Artes Plásticas e, mais adiante, introduziu o curso de Ballet Clássico.

Ao apresentar esse panorama, sinto, então, a necessidade de escrever sobre os caminhos que me levaram até essa pesquisa. Minha motivação surge ao me

deparar com o fato de que também faço parte dessa história e que minhas vivências e experiências em dança tanto no ambiente da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, como fora dele, me constituem enquanto professora e artista de dança.

Escrever sobre minha formação, requer revisitar minha memória e estabelecer as relações provenientes da EBAHL com todo meu percurso neste ambiente, desde minha entrada aos 6 anos de idade, até meu retorno como professora concursada.

Ao apresentar a pesquisa “Dança e Docência em uma Perspectiva Autoetnográfica: Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas Artes Heitor de Lemos de Rio Grande – RS”, pretendo demonstrar como aquela minha primeira incursão, em idade tão tênue, influenciou em todo meu percurso. Até me deparar com meu atual tema de estudo, não havia imaginado o quanto aquela primeira experiência seria um marco importante, uma verdadeira mola propulsora para minha futura carreira.

Minha questão de pesquisa aborda quais as reflexões artístico-pedagógicas possíveis surgem a partir das minhas memórias e experiências como professora-artista na trajetória dançante junto à EBAHL.

Tenho como objetivo geral revisitar as memórias e refletir sobre a trajetória dançante na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. E como objetivos específicos pesquisar e registrar a história da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos a partir da trajetória dançante da pesquisadora e refletir sobre a formação docente em dança a partir da experiência na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos e na Universidade. Sendo assim, procurei recuperar memórias mais marcantes na minha trajetória na EBAHL e fora dela, primeiramente como aluna e mais recentemente como professora-artista, observando questões artístico-pedagógicas oriundas da minha experiência e analisando o quanto toda essa minha trajetória corroborou com a minha formação docente.

A pesquisa que aqui apresento para o trabalho de conclusão do curso Dança-Licenciatura trata sobre a minha trajetória e relação com a Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, de modo mais específico, com foco em uma de suas áreas: o Ballet Clássico. A escola é uma das primeiras referências formais em dança e arte da cidade de Rio Grande.

Ao pesquisar sobre a minha história, revisito minhas memórias, algumas de tempos bem distantes e enfatizo a minha constituição enquanto artista e docente da área da dança, visto que lá iniciei meus estudos em dança, mais especificamente no

gênero Ballet Clássico. Acredito ser possível, dessa forma, compreender melhor o lugar que a escola ocupa em minha formação.

Minha pretensão é estudar sobre a influência, não só do ambiente da escola, mas da área da dança em si dentro da minha trajetória e que referências aparecem não só em minhas lembranças, mas também em relatos de profissionais da área que passaram pela escola.

Em outros ambientes de dança que frequentei, além da escola, percebo que muitas pessoas que passaram por lá, fazem referência à histórias e profissionais da EBAHL. Mas até que ponto realmente essas histórias e referências influenciam em nossas escolhas? Para mim, sempre ficou bastante evidente e perceptível também, o quanto tudo isso me influenciou a procurar minha formação em licenciatura em Dança.

Ciente que outras pessoas já percorreram semelhante caminho à procura de estabelecer relações com aquele ambiente, percebo que ainda são poucos os materiais produzidos que trazem essas referências, principalmente referências mais pessoais. Decidi, então, dispor-me a buscar, estudar e analisar essa íntima relação entre o ambiente (EBAHL) e minha trajetória.

A pesquisa desenvolvida adota uma bricolagem metodológica, articulando investigação de cunho auto-etnográfico¹ e pesquisa histórica, orientando-se por uma abordagem qualitativa através da narrativa de fatos históricos e das memórias da pesquisadora (predominantemente, com escrita em primeira pessoa), bem como análise e reflexão das mesmas.

E nessa construção narrativa, em que faço uso de minhas memórias e fatos históricos destaco que

Na bricolagem não se busca descobrir verdades, como se elas estivessem escondidas à espera de um investigador, o que se pretende é entender a sua construção e questionar como os diversos agentes sociais produzem e reproduzem o que é imposto pelos discursos hegemônicos. Ora, teorias e conhecimentos nada mais são do que artefatos culturais e linguísticos. Uma vez que a interpretação está imbricada na dinâmica social e histórica que moldou o artefato cultural sob análise, a bricolagem reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto. Consequentemente, a linguagem e as relações de poder assumem a posição central nas interpretações da realidade, pois se constituem como mediadores fundamentais na contemporaneidade. (LIPPI; NEIRA, 2012, p. 610)

¹ As palavras autoetnografia e auto-etnografia, bem como suas variantes, serão utilizadas neste trabalho de modo sinônimo, a depender de cada autor/autor e/ou fontes utilizadas; contudo, serão tratadas com o mesmo sentido conceitual e metodológico.

Nesse percurso, ainda destaco que “O conhecimento produzido é assumidamente provisório e processual, pois se reconhece a existência de diversas interpretações sobre o objeto, edificadas por meio de discursos e construções sociais” (LIPPI; NEIRA, 2012, p. 611).

Sem esquecer que mesmo em se tratando, em parte, de uma narrativa pessoal, ainda se trata de um estudo científico e que a bricolagem como metodologia científica

é entendida como concepção de pesquisa que possibilita maior liberdade ao pesquisador em transitar pelo território metodológico, sem que para isso tenha que abdicar do rigor na formulação do conhecimento, associando saberes diversos para melhor compreender seu objeto de pesquisa (RODRIGUES; THERRIEN; FALCÃO; GRANJEIRO, 2016, p. 975).

Entendo a bricolagem como metodologia essencial para que eu possa refletir e expressar melhor o que/como minhas experiências em dança contribuíram/contribuem para minha formação tanto como artista como quanto professora e o quanto os fatos históricos também contribuíram. Apresento, dessa forma, parte do histórico da dança em Rio Grande e na EBAHL e o caminho por mim percorrido nessa construção e disserto de uma forma mais direta e íntima com os fatos aqui relacionados, traduzindo assim, e apoiada nas definições aqui apresentadas, os processos de troca entre o indivíduo (neste caso, eu, enquanto pesquisadora) e o ambiente/contexto.

Para entender melhor a abordagem metodológica escolhida, é importante também compreender o contexto de etnografia e, para tanto, trago o que Patton destaca:

Numa definição já clássica, a etnografia é um método de pesquisa que considera a dimensão sociocultural do fenômeno estudado, caracterizando-se como uma atividade minuciosa e reflexiva de observação e descrição, a partir da imersão do pesquisador no seu campo de trabalho (PATTON, 2002 *apud* DANTAS, 2016, p. 170).

Dantas ainda afirma que

a autoetnografia vem se consolidando como uma escrita de si, que permite o ir e vir entre as experiências pessoais e as dimensões culturais, buscando reconhecer, questionar e interpretar as próprias estruturas e políticas do eu. (DANTAS, 2016, p. 173).

Por um lado mais poético e atribuindo para mim mais significado, observo ainda a definição de Fortin:

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar ressonância a parte interior e mais sensível de si. (FORTIN, 2010, p. 83).

Nesse sentido, fundamento minha escolha teórico-metodológica ao que as autoras têm por definição de etnografia e autoetnografia, acreditando que minha narrativa inicial se torne um ponto de partida para uma reflexão mais abrangente, articulando a reflexão sobre o contexto com a reflexão das minhas próprias memórias junto ao ambiente do estudo.

E sobre a pesquisa histórica, a qual iniciou meus estudos para essa construção e entendendo como uma ação ligada ao meu processo de recordação das memórias e histórias, trago as palavras de Comiran:

Compreende-se, assim, com a visão da impossibilidade de tratar a pesquisa histórica de modo objetivo, pois os caminhos suscetíveis ao longo do estudo são norteados pelas próprias dúvidas e hipóteses do pesquisador, sujeitos com subjetividade e que formulam suas perguntas baseadas, como citado pela autora, nas suas “inscrições sociais” (LORIGA, 2012, p. 253). Consequentemente, as fontes não dizem nada por si mesmas, mas a partir do olhar e das perguntas que se leva até ela, por essa razão a incapacidade de se distanciar completamente da pesquisa. (COMIRAN, 2020, p. 209)

A presente investigação teve início com o projeto concebido e desenvolvido na disciplina “Projeto de Pesquisa em Dança”, visando a realização do trabalho de conclusão de curso no ano de 2019. Minha primeira intenção, ainda naquela época, era produzir um estudo sobre a história da instituição (EBAHL), visto que a mesma encaminhava-se para as comemorações do seu centenário, ocorrido em 2022. A primeira fase do trabalho foi desenvolvida no início do ano letivo de 2020, quando tive contato com documentos e algumas das profissionais que iria entrevistar posteriormente.

Porém, esse processo foi interrompido pela pandemia de COVID-19² e não consegui, naquele ano (e nem nos outros dois seguintes) dar continuidade à pesquisa,

² Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. Vários países declararam “lockdown” para que o coronavírus (vírus causador da COVID)

mesmo com todas as tentativas de minha orientadora, à época, para que eu o desenvolvesse, mesmo nesse período pandêmico. Retomado em 2023 e com nova orientação, ele acabou mudando um pouco suas características. A pesquisa que a princípio seria exclusivamente voltada para a história da EBAHL acabou se voltando para a minha história com a escola e as relações com a dança provenientes dessa história.

Mesmo com todos os ajustes necessários e algumas mudanças em minha linha de pesquisa, ainda realizei o estudo aqui apresentado de forma conectada à Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, por entender que aquele espaço, mesmo com a troca de endereço físico passou a fazer parte de toda minha construção pessoal e profissional.

Para desenvolver essa verdadeira "viagem" às minhas memórias, procurei autores como Mônica Fagundes Dantas, Daniela Beccaccia Versiani e Sylvie Fortin, visto que essa narrativa visa tratar sobre a minha trajetória na área da dança na escola e por entender que a metodologia por mim adotada conversa com as ideias das autoras citadas.

Para questões ligadas ao histórico do município foram utilizados escritores e pesquisadores como Ezio da Rocha Bittencourt, Andrea Maio Ortigara, Luiz Henrique Torres. Também trouxe para o corpo dessa escrita as contribuições de Beatriz Batezat Duarte, ex-diretora da EBAHL e uma de minhas entrevistadas, principalmente no que diz respeito à trajetória da EBAHL. Para aspectos mais gerais sobre a dança em Rio Grande e pontos específicos usei como base as pesquisas de Vanessa Rocha de Oliveira, formada pelo curso de Dança-Licenciatura da UFPel, ex aluna e ex professora da EBAHL e também uma das entrevistadas.

Como instrumentos para coleta de dados que somam com informação para a realização da minha escrita, contei com um diário de memórias com questões disparadoras, entrevistas semiestruturadas e análise documental.

O diário de memórias entendo como um compilado de lembranças lineares ou não, que podem ser apoiadas por imagens, documentos, relatos próprios e de terceiros... um verdadeiro exercício de escuta tanto das informações externas como das próprias memórias. Uma tentativa de registro de uma verdade, de produção de uma história própria, através de uma releitura de fatos observados ou que o escritor

não se alastrasse ainda mais. Foram inúmeras mortes causadas por ele pelo mundo. O período de confinamento se estendeu por cerca de dois anos.

esteja inserido. Foi um instrumento elaborado e pensado por mim e meus orientadores. Formulamos várias perguntas que foram tomadas como disparadores de memórias. E essas perguntas, e suas respectivas respostas, foram alimentando o corpo da minha escrita e disparando outras tantas memórias acerca da minha trajetória pessoal e também profissional.

A entrevista semiestruturada, por sua vez, é entendida por Castro (2018) como “aquela em que o entrevistador possui um ponto de partida e uma diretriz inicial a seguir. No entanto, permite que a conversa seja conduzida sem seguir totalmente uma mesma direção”. Podendo a ordem das perguntas ser alterada pelo entrevistador ou modificadas de acordo com a evolução da entrevista e conforme o envolvimento do entrevistado e ainda de acordo com memórias e fatos que ele traga para a conversa.

A pesquisa documental ou análise de documentos pode ser entendida como

aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, afim de compreender um fenômeno, buscar outras interpretações ou informações complementares. (MARTINS, 2017, p. 05)

Para tal pesquisa, lembrando que minha base não está apenas atrelada a fatos históricos mas também a memórias, ainda utilizo a noção de documento sugerida por Gil (2017, p. 31). Este autor afirma que “o conceito de documento, por sua vez, é bastante amplo, já que este pode ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento”. Sendo assim, todo o material consultado por mim, documentos escritos, fotografias, etc., foi capaz de contribuir para a construção de minha narrativa tanto como marcos históricos mas também como disparadores de memória.

Os dados aqui apresentados foram extraídos dos instrumentos utilizados para a pesquisa. As entrevistas semi-estruturadas foram feitas presencialmente (mesmo em tempo de pandemia, quando as orientações permitiram, e realizadas com todos os cuidados que eram exigidos à época), após eu ter entrado em contato com as entrevistadas, tanto por telefone como presencialmente. Ainda tive a oportunidade de pesquisar em outros documentos que constam principalmente no acervo da Biblioteca da escola. Ainda, cabe destacar que a metodologia utilizada ainda me proporcionou

obter dados de minhas memórias, as quais foram recuperadas e fomentadas através do diário.

A narrativa a qual resolvi percorrer nesta pesquisa, contará com a seguinte estrutura: Introdução, onde apresento os dados necessários para o entendimento da mesma, com uma breve ambientação do cenário cultural do Município de Rio Grande e da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. Ainda na introdução trato de tópicos como tema, questão de pesquisa, objetivos geral e específicos, justificativa, metodologia, principais autores e coleta dos dados.

Em meu primeiro capítulo apresento um panorama histórico do cenário cultural do Município de Rio Grande, apoiado na pesquisa teórica e documental das Artes e da dança em Rio Grande, dando ênfase na história da EBAHL, seu surgimento e outros aspectos importantes para então me colocar como protagonista nesse ambiente.

No próximo capítulo, que dividido em subcapítulos, então, falo sobre minhas experiências em dança, algumas ligadas diretamente à escola e outras não (mas que tiveram mesmo assim influência em minha formação por terem sido proporcionadas pelas minhas primeiras experiências na EBAHL) e que impulsionaram, intimamente, a minha procura em ter uma formação acadêmica em dança e meu percurso enquanto artista e professora. Ainda nesse capítulo, procuro refletir sobre aspectos pedagógicos que minha experiência acrescentou à minha formação docente.

Encaminhando-me para a parte final, apresentando o capítulo de Considerações Finais, seguido das referências, apêndices e anexos.

Desejo-lhe uma boa leitura e sinta-se à vontade para desfrutar destas memórias dançantes que bailaremos nas páginas a seguir.

2. RIO GRANDE E SUA CULTURA: CONTEXTUALIZANDO O AMBIENTE DE ESTUDO

A cidade de Rio Grande é fundada em 1737 em meio a disputa das coroas da Espanha e Portugal, como uma tentativa portuguesa de expansão de seus domínios, tendo a ocupação da região, primeiramente, uma função militar. Como nos diz Villas Bôas (2023) “Este núcleo militar deu origem a um aglomeramento urbano que rapidamente se desenvolveu, por conta da posição de ser o único porto marítimo da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul”.

Em 1752, com a chegada de casais provindos do Arquipélago dos Açores para povoar o lugar, passa por um período dedicado ao desenvolvimento econômico (agricultura, pesca, criação de gado e comércio) e mais adiante possibilitado pelo porto, o desenvolvimento de indústria e comércio estrangeiro. “No início do século XIX a vila modificou sua histórica função militar, metamorfoseando-se no principal centro comercial do extremo sul do Brasil” (BITTENCOURT, 2007, p. 32).

O porto foi um dos principais elementos para o crescimento urbano, cada vez mais a população foi ampliando o contato com produtos (cristais, porcelanas, artigos de luxo, etc.) bem como hábitos e costumes de várias partes do mundo, principalmente da Europa. No ímpeto de atrair o comércio estrangeiro, os comerciantes locais começaram a investir seu capital em empresas de utilidade pública na tentativa de elevar o desenvolvimento local.

Em 1835, Rio Grande é elevada à categoria de cidade.

Porém, a cidade sofre um declínio em sua economia e medidas são tomadas para que não perca economicamente sua posição. Segundo descreve Bittencourt (2007, p. 36) “com a Revolução Farroupilha (durante 10 anos) a economia decaiu. Ao final da década de 1840 foram realizadas melhorias nos serviços públicos e na urbanização da cidade na tentativa de assegurar sua posição econômica”.

Em 1850, se consolida a Exportação e Importação em Rio Grande. Na aquarela de Hermann Wendroth, do ano de 1852, sobre o Porto Velho (Figura 1) é possível perceber as movimentações intensas de embarcações da época.



Figura 1 - Aquarela Porto Velho em 1852, de Hermann Wendroth
 Fonte: TORRES, 2018, p. 12.

Vale ressaltar que foi igualmente neste período que as relações do Brasil com nações europeias não ibéricas, burguesas e industriais (sobretudo com Inglaterra e a França) se intensificaram sobremaneira. Esta aproximação foi fundamental na sedimentação do modelo de civilização importado dessas novas metrópoles mundiais em franca emergência e que diferenciava daquele luso-brasileiro que tinha vigorado durante todo o período colonial. A adoção de práticas culturais burguesas europeias, notadamente franco-inglesas, pelas elites brasileiras, servia para reforçar e legitimar a distinção e a “superioridade” desse segmento social. (BITTENCOURT, 2007, p. 37)

A elite riograndina não se diferencia do restante do Brasil e os hábitos culturais importados europeus, são cada vez mais reproduzidos por aqui. Além disso o desenvolvimento urbano e industrial proporcionam “uma transformação social que implicou na passagem de uma sociedade ruralizada para uma sociedade mais cidadina”. (ORTIGARA, 2019, p. 03) A Figura 2, mostra parte do desenvolvimento urbano no centro da cidade, retrata a rua de areia porém com tendência de urbanização já evidente.



Figura 2 - Fotografia da rua Marechal Floriano próximo à esquina com Andradas – com areias e sem calçamento - no ano de 1868. Acervo: Biblioteca Rio-Grandense.
 Fonte: TORRES, 2018, p. 09.

Rio Grande desenvolveu-se em meio um ambiente não propício ao crescimento de uma cidade e com isso, as características portuária e comercial acabaram por se tornar o cerne do crescimento do local. Um ambiente verdadeiramente hostil, mas que com o passar do tempo, pode aos poucos, desenvolver uma cultura própria. E quanto a isso Bittencourt (2007, p. 69) observa que

Entre areias estéreis e zonas alagadiças, Rio Grande desenvolveu-se numa constante luta contra a natureza hostil. Invasida frequentemente por dunas móveis e desprovida de vegetação, a cidade foi fruto da ação transformadora de seus habitantes. Mesmo sem uma paisagem natural a seu favor e um cenário urbano, por épocas, nada atraente, sua população, desde os primórdios, utilizava-se do espaço público para o lazer e comemorações. Esse espaço assim entendido, constituía-se num importante local de integração social. (BITTENCOURT, 2007, p.69)

As praças e passeios públicos tornaram-se pontos de encontro para festejos populares. E enquanto a sociedade citadina crescia e concretizava um estilo de vida muito ligado à cultura europeia, ao mesmo tempo os processos urbano e industrial se consolidavam fazendo surgir uma nova classe social com trabalhadores que sentiam a necessidade de atividades culturais. Uma nova estrutura social com uma diversidade de ocupações e então

incrementaram-se as atividades de lazer e cultura oferecidas aos diferentes segmentos sociais. Aumentou-se o número de teatros, salas de espetáculos, bares, bilhares, *cabarets*, bibliotecas, escolas, clubes, sociedades dramáticas, sociedades musicais, jornais, etc. (BITTENCOURT, 2007, p.43)

A elite riograndina já estava há algum tempo se mobilizando para a construção de espaços. Segundo Ortigara (2019, p. 17) “Foi esta elite que se mobilizou para a construção do Teatro Sete de Setembro, com vistas a atender as exigências de uma parte da população enriquecida e sedenta por cultura e diversão”.

O movimento artístico e cultural do município ganhou mais força com a construção dos primeiros teatros na Sociedade Riograndina e sobre isso Oliveira nos diz que:

Os teatros, em Rio Grande, contribuem para a construção de experiências culturais e sociais da população, que era eminentemente entre os frequentadores composta de uma elite. Eles serviam de espaço de circulação de um estrato social que “se dava aver”, ou seja, exercitavam a arte de “parecer para ser”. Os mesmos serviam como locais de divulgação de moda, de status social e desfile de signos de poder. (OLIVEIRA, 2015, p. 71)

A maior parte dessas edificações passou a sediar não só peças teatrais, mas também sessões de cinema ampliando as percepções de seus frequentadores acerca da cultura e movimentando a sociedade da época pois, segundo Oliveira (2015, p.72) “a partir da abertura do Teatro Sete de Setembro, em 1832, a população começou a perceber o quanto o cinema poderia ser fonte de contato com diferentes percepções de mundo, o que viria a somar na experiência do contato com peças teatrais”.

Na Figura 3, podemos ver a parte dos fundos do Teatro Sete de Setembro. E sobre esse teatro tenho algumas lembranças. Por exemplo, recorde de meu pai me levando para assistir um filme (depois de certa época os teatros passaram a ser salas de cinema e não mais exibiam espetáculos teatrais). Ele também contava da época em que trabalhou como operador de máquina cinematográfica na maioria dos cinemas e esse era um deles.



Figura 3 - Fotografia dos fundos do antigo Cine Teatro 7 de Setembro (Praça Júlio de Castilhos), Rio Grande, RS
Fonte: Beira Mar³, 2020.

Com o aumento da necessidade da sociedade em lazer e cultura, com as modernidades da época como o cinematógrafo, por exemplo, com as técnicas modernas das linguagens artísticas “aumentou significativamente as oportunidades de entretenimento para o grande público e colaborou decisivamente na propagação e na sedimentação de novos hábitos urbanos”. (BITTENCOURT, 2007, p. 107)

Na década de 1940, Rio Grande já contava com vários prédios de cine-teatros que funcionavam tanto como teatro quanto como cinema. Apresentavam shows

³ Perfil do Facebook encontrado em: https://www.facebook.com/BeiraMarRg?locale=es_LA

diários. Tratava-se de espetáculos mistos com teatro e cinema. São exemplos os cine-teatros: Sete de Setembro, Politeama Rio-Grandense, Carlos Gomes, Avenida, Guarani, Liceu e Imperial. Com o tempo, alguns desses teatros foram desativados e outros passaram a apenas exibir filmes.

Um dos teatros que foi mantido e de bastante expressividade em Rio Grande é o Teatro Avenida, na Rua Major Carlos Pinto. Teve suas portas fechadas nos anos de 1980. Foi reformado e por ação judicial passou a ser administrado pela Prefeitura Municipal de Rio Grande. E sobre essa história, o blog “Historiador Torres” (2017) traz informações retiradas do Jornal Agora (jornal local):

O Cine Avenida funcionou até 1983 quando fechou as portas. Foi restaurado e reaberto ao público como Teatro Municipal do Rio Grande em 1997. Dos cine-teatros que existiram na cidade, o Teatro Municipal é o único que continua em atividade. Recentemente sofreu nova reforma e continua sendo modernizado, apresentando uma sala de memória onde está sendo resgatada a história de décadas de cultura e sociabilidade em Rio Grande.



Figura 4 - Fotografia do Antigo Cine Theatro Avenida, atual Teatro Municipal do Rio Grande
Fonte: Prefeitura Municipal do Rio Grande⁴, 2021

O Teatro Municipal, antigamente Cine Theatro Avenida como visto na Figura 4, localizado na rua Major Carlos Pinto (mais conhecida como a rua do Canalete), passou a ser referência para o contexto da dança no município, pois desde a sua reabertura,

⁴ Site da Prefeitura Municipal do Rio Grande encontrado em:
<https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/151643-2/>

além de promover a apresentação de peças teatrais, shows e outras apresentações ligadas às artes cênicas, passou a ser o principal endereço para academias e escolas de dança do município. Nele já foram apresentados diversos espetáculos de dança de cias locais e também de outras cidades. No momento, um dos locais de maior escolha das instituições que trabalham com dança para a apresentação de seus trabalhos visto que outros auditórios e locais também utilizados para a dança não apresentam estrutura adequada (de palco Italiano que é o preferencial da maioria dos grupos), além de iluminação e estrutura de som que atendem, de certa forma, às necessidades dos espetáculos propostos.

Lembro uma das primeiras vezes que entrei no prédio do Teatro Municipal, após sua reforma, foi para uma das apresentações de dança. Antes, só sabia como era o mesmo através de informação de algumas pessoas, como meus pais e outras que tiveram a oportunidade de entrar nele enquanto ainda era o Cine Theatro Avenida. Na figura 5, é possível ver como o espaço interno do teatro, mais precisamente os fundos da plateia, está atualmente organizado, não muito diferente de quando entrei pela primeira vez. Agora com novas cadeiras mais confortáveis, ar condicionado, nova iluminação, etc.



Figura 5 - Fotografia do interior do Teatro Municipal atualmente
Fonte: Prefeitura Municipal do Rio Grande⁵, 2018.

⁵ Site da Prefeitura Municipal do Rio Grande encontrado em:
<https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+46de1b,,teatro-municipal-passa-por-novas-reformas.html>

O município de Rio Grande, apesar de sempre apresentar um ambiente propício para as Artes, acabou sofrendo uma redução do volume nas manifestações artísticas, ficando as artes relegadas a apenas alguns espaços específicos, como o Centro Municipal de Cultura (Figura 6), hoje em reforma, Biblioteca Rio-grandense, museus e salas expositivas em alguns lugares da cidade como a Prefeitura Municipal e a FURG. Os clubes, que antes se faziam culturalmente ativos, hoje em dia, estão na sua maioria fechados ou são alugados para festas de aniversário e casamento. Lembro de quando era criança e estudava na Escola Dr. Augusto Duprat (na época uma escola de 1º grau), as visitas ao Centro Municipal de Cultura eram constantes, devido à proximidade da escola com o prédio. Hoje em dia, por problemas estruturais, o mesmo encontra-se interditado



Figura 6 - Fotografia do Centro Municipal de Cultura
Fonte: Café Rio Grande⁶, 2010

2.1 A DANÇA EM RIO GRANDE

Para se falar da dança em Rio Grande, é preciso observar o cenário cultural da época em que ela começa a ser um dos elementos constituintes de uma nova sociedade e, assim, poder estabelecer uma relação, uma vez que a dança, assim

⁶ Blog encontrado em: <http://caferiogrande.blogspot.com/2010/07/centro-municipal-de-cultura.html>

como as outras linguagens artísticas, foi de fundamental importância para a história do município.

A sociedade riograndina vivia toda uma mudança estimulada pela influência “europeizada” proporcionada, principalmente, pela movimentação do Porto de Rio Grande e pelo comércio, por volta dos anos de 1800 e, posteriormente, pelo desenvolvimento urbano e econômico, por volta dos anos de 1900, como já destacado.

No início do movimento cultural em Rio Grande, as casas das pessoas com “mais posses” passaram a sediar encontros culturais onde a dança aparecia de forma ainda tímida, apenas como parte de um movimento maior, não como arte, mas como lazer e parte de um entretenimento da elite.

Durante o Novecentos propagou-se o gosto pelos saraus litero-musicais que ocorriam nos salões das residências das famílias mais abastadas, e que, terminavam com bailes movimentados e vastas mesas de doces. Nesses encontros – semelhantes aos concertos de palácio do Antigo Regime – encenavam-se pequenos quadros dramáticos, a elite afeita ao beletrismo recitava suas poesias, os que estudavam música demonstravam suas habilidades no canto e em instrumentos executando um repertório romântico, trechos de peças ligeiras e árias de óperas italianas. (...) O salão de festas passou a adquirir uma forte importância simbólica, tornando-se uma marca de classe. (BITTENCOURT, 2007, p. 88)

As primeiras casas de espetáculo surgiram nas últimas décadas de 1700 e início dos anos de 1800, uma tentativa da sociedade em “sintonizar-se” com os costumes europeus que norteavam a forma de vida da época, surgindo, assim, os primeiros teatros riograndinos.

Assim deve ser entendida a mobilização dessa elite na construção de uma nova e confortável casa de espetáculos – o Teatro Sete de Setembro -, inaugurada em 1832 e adequada à posição econômica do lugar e às exigências de uma parcela da população enriquecida e ávida por cultura e diversão. Mais tarde ergueram-se o Anfiteatro Albano Pereira em 1876 e o Politeama Rio-Grandense em 1885. Somavam-se também vários teatrinhos pertencentes a sociedades dramáticas particulares. (BITTENCOURT, 2007, p. 102)

Com o desenvolvimento urbano e econômico da cidade, começaram a se forjar as classes trabalhadoras. As casas da elite riograndina e o próprio passeio público já não comportavam mais as atividades culturais que, até então, eram exclusividade de uma classe mais abastada. As atividades culturais começam a não ser mais

exclusividade dos teatros e casas de espetáculo. A sociedade da época passou, então:

(...) a mobilizar-se e organizar-se através de associações recreativas, artísticas, culturais, esportivas, carnavalescas, classistas, políticas, filosóficas, filantrópicas, etc. Os clubes constituíam-se em importantes espaços de recreação, atendendo às necessidades de lazer, divertimento e sociabilidade de seus associados e dependentes, principalmente dos trabalhadores de baixa renda sem acesso aos poucos locais e instrumentos de diversão disponíveis às camadas superiores. Assim, promoviam inúmeras atividades conforme as características da instituição e do público frequentador: festas, bailes, saraus musicais e literários, jantares, almoços, chás, representações dramáticas, *matinéés* infantis, aulas de dança e música, eventos esportivos. (BITTENCOURT, 2007, p. 90)

As possibilidades de lazer e cultura se ampliaram. Sendo assim, saliento as palavras de Ortigara sobre o cenário da época dessa ebulição em Rio Grande: “As sociedades urbanas tiveram a percepção da grandeza das mudanças vividas, embriagadas pelo que se passou a chamar de progresso”. (ORTIGARA, 2019, p. 10)

A dança, nesse período, ainda era vista apenas como divertimento e não como arte e o baile nos locais de recreação entendido como uma manifestação social. Contudo, esta ocorrência acabou despertando o interesse pela dança e dando visibilidade de atividade não só de lazer, mas cada vez mais de atividade artística.

Muitos lugares como clubes passaram a oferecer aulas de dança e a formar grupos que se apresentavam em bailes. Alguns exemplos dessa movimentação são descritos por Bittencourt (2007, p. 93):

Na década de 1860, as quadrilhas Príncipe Imperial, Russa e Americana reuniam-se aos sábados no salão do clube Recreio Rio-Grandense para o ensaio semanal. Durante o século XIX, além das *quadrilhas francesas*, muito em voga, das quais, participavam vários pares, dançava-se *polcas*, *mazurcas*, *anglaises*, *varsovianas*, *xotes*, *habaneras*, *minuetos*, *valsas*, etc. (BITTENCOURT, 2007, p. 93)

As atividades físicas começam a ter bastante relevância e a dança aparece, nesse contexto, como exercício benéfico ao corpo mas ainda não como atividade artística.

Em fins de Novecentos iniciou-se um processo de valorização das atividades físicas. *Mens sano in corpore sano* deixou de ser um jargão perdido na Antigüidade e passou a ser posto em prática, modificando a mentalidade em relação ao culto do corpo. Nesse contexto, “além de ginástica – benéfica para ambos os sexos – às meninas só eram recomendados exercícios que desenvolvessem os órgãos respiratórios e estimulassem a elegância, como

o canto, a declamação e a dança”, e que praticamente restringiam-se ao sexo feminino. (BITTENCOURT, 2007, p. 126)

Assim como esse contexto da sociedade da época teve sua importância para a introdução da prática da dança no município, importante também foi a contribuição das primeiras bailarinas que surgiram em Rio Grande. Eram moças da sociedade que iam para a capital estudar, ou até mesmo para países da Europa, e lá tinham o contato com o mundo da dança. Visto que o ensino formal de dança no país era ainda incipiente.

Deste modo, as primeiras profissionais de dança do Rio Grande do Sul e do Município de Rio Grande participavam de escolas de dança e faziam cursos, principalmente na Europa e, após retornarem, investiam seu conhecimento em escolas que inauguravam ou que haviam sido inauguradas recentemente.

Segundo Bittencourt, podemos citar dois expoentes no ensino da dança na Zona Sul do Estado:

Entre as precursoras no ensino da dança na Zona Sul do Estado estão Madge Lawson em Rio Grande e Baby Nunes de Souza em Pelotas. Em suas cidades elas possuíam cursos de “ginástica rítmica e danças clássicas”. A primeira apresentação que faço registro da escola de Lawson remonta a dezembro de 1928 e ao palco do Politeama Rio-Grandense. (BITTENCOURT, 2007, p. 127)

A escola de Madge Lawson teve suas atividades no antigo prédio do Clube do Comércio, que se localizava na Rua Marechal Floriano Peixoto, durante a década de 1920.

Na década de 1930, por sua vez, é possível observar a transformação da dança no estado, como observa Bittencourt:

Para a história da dança no Rio Grande do Sul, o decênio de 1930 foi determinante. Ele consolidou a dança como um verdadeiro espetáculo cênico e não mais como uma atração secundária cortejando outras formas teatrais como acontecia até então nas cenas sulinas. Formou igualmente um público belatômico capaz de sustentar esse gênero artístico. (BITTENCOURT, 2007, p. 128)

Segundo informações de Duarte (1997), a precursora do Ballet em Rio Grande foi Elaine Nunes, na década de 1940. Ela foi estudante de Educação Física em Porto Alegre e estudou dança na Escola de Bailado Clássico de Lia Bastian Meyer. Quando

retornou a Rio Grande, em 1945, abriu a primeira escola do município a “Escola de Bailados Elaine Nunes”.

Outros profissionais da dança também desenvolveram seu trabalho em terras riograndinas e, desta forma, foi possível perceber o surgimento do movimento da dança, no estado e no município, agora como atividade artística.

Por volta de 1969, aconteceu a introdução da Dança entre as Artes da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, com a contratação de Sandra Regina Guterres Gonçalves, primeira professora de dança da escola, como é possível ver no documento de Relatório de atividades da escola, na Figura 7:

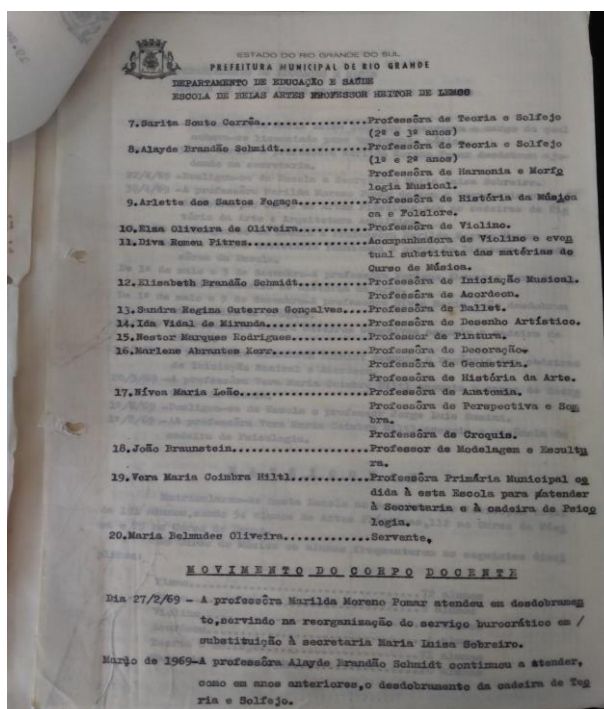


Figura 7 - Fotografia do Relatório de atividades da EBAHL (Contratação de Professora de Dança)

Fonte: Acervo de Documentos da Biblioteca da EBAHL

Até então, a dança aparecia como atividade convidada de algumas atividades da escola através de Elaine Nunes, visto que sua acompanhadora no piano era a professora Inah Emil Martensen, que mais tarde tornou-se diretora da Escola de Belas Artes. Na Figura 8, é possível ver um exemplo dessa parceria, a partir de uma cópia de um Programa que encontrei na minha incursão na Biblioteca da escola.



Figura 8 - Fotografia do Programa de Apresentação no Teatro 7 de Setembro
Fonte: Acervo de Documentos da Biblioteca da EBAHL

A partir da contratação da primeira professora, a Escola (no início conservatório voltado à música, mais tarde, trocada sua denominação para escola acrescentando as Artes Plásticas) teve papel importante na formação de boa parte dos profissionais em dança do município, fossem somente bailarinos ou novos professores, para o cenário artístico do município.

Na década de 1970, Dicléia Ferreira de Souza contribuiu na formação desse movimento, “abre o Núcleo Rio Grande, uma extensão de sua Escola de Pelotas. Em Rio Grande organizou também vários espetáculos (...) O Núcleo Rio Grande funcionou até o ano de 1983”. (DUARTE, 1997, p. 64)

Do “Belas Artes” egressaram vários bailarinos e profissionais que foram dançar e trabalhar em outros espaços ou até mesmo abriram suas próprias escolas de dança. Algumas foram minhas professoras, com outras mantenho o contato proporcionado pelo cenário cultural do município.

Dentre elas, posso citar Beatriz Batezat, que se tornou diretora da escola; Vivianne Silveira, que acabou fazendo parte do corpo de professores da escola e hoje em dia trabalha na secretaria da mesma; Heloisa Bertoli, que abriu seu estúdio de dança nos anos 1990 e hoje em dia reside na capital; Dóris Ribeiro, proprietária da Academia Art & Manhas; Eugênia Klinger, que é proprietária da Academia Ensaio e sua filha Tatiana Klinger que é minha colega de trabalho e amiga; Denise Prado, que teve sua escola e que hoje trabalha nos projetos da prefeitura com a terceira idade; Vanessa de Oliveira, egressa do curso de Dança-Licenciatura e que hoje tem seu estúdio; Marina de Oliveira, profissional da área de fisioterapia, bailarina formada pela

escola e que segue dançando pela instituição; entre outras que se destacaram e ainda se destacam no cenário rio-grandino desde a década de 1970.

Citei essas profissionais por alguns motivos que considero de relevância em meu percurso. Primeiramente, por terem feito parte de sua formação no Belas Artes e, em segundo, de alguma forma, eu me relacionar em algum momento de minha formação, seja em âmbito pessoal ou profissional.

Essas profissionais, por sua vez, formaram e ainda formam em seus espaços próprios ou em que mantêm suas atividades, outros bailarinos e profissionais de dança do município e também que atuam em outras partes do país, ou até mesmo fora dele. Muitos destes profissionais mantenho contato em eventos de dança e em outros espaços de trabalho.

É importante destacar que Rio Grande, desde a introdução dos primeiros espaços e escolas de dança, sempre apresentou um cenário rico em termos de produção artística em dança. Além das escolas e espaços que surgiram através dos profissionais que saíram do Belas Artes, outros profissionais, grupos, companhias e escolas, que além do Ballet Clássico, desenvolvem outros gêneros em dança, também surgiram e se estabilizaram ao longo dos anos.

Posso citar, dentre estas, algumas como a Academia Geração Eleita da Professora Denise Zamboni, o Espaço de Dança Raquel Pereira da Professora Raquel Pereira, a Freedom Cia de Dança dos bailarinos e coreógrafos Giovane Mackmillan e Andrius Mieres, a Cia de Dança de Salão Robson Porto do Professor Robson Porto, entre outras. Por falta de incentivo, principalmente financeiro, algumas já encerraram suas atividades (o que não vem a ser o caso das citadas).

Um dos primeiros festivais de dança que aconteceu por aqui e que posso falar, até porque estive bastante envolvida, foi o “Dança Rio Grande”, em 2002.

Este festival contou com grandes nomes do cenário da Dança nacional como Carlinhos de Jesus, Dicleia Ferreira de Souza, Sheila Aquino e Toshie Kobayashi. Dele, guardo com carinho, o folder do regulamento e o crachá com autógrafo de Carlinhos e de Sheila, que registro através das figuras 9 e 10 (próxima página).

São dois itens da minha “coleção” particular que trazem uma gama de recordações daquele período, desde conversas com os profissionais já citados até as apresentações e oficinas que ocorreram, tanto no próprio festival quanto em espaços relacionados ao evento.



Figura 9 - Digitalização do folder de Regulamento do Dança Rio Grande 2002
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Figura 10 - Digitalização do Crachá (frente/verso) do Dança Rio Grande 2002
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na oportunidade, conheci e pude fazer o registro do encontro com Carlinhos de Jesus, como apresento na Figura 11. Na época, era a maior referência que eu tinha dentro da Dança de Salão, visto que as redes sociais chegariam somente dois anos

mais tarde com maior abrangência e acesso. Já tinha tido a oportunidade de encontrar com ele um tempo antes, em um workshop do Festival Santa Maria em Dança. Lembro que nesse dia, ele me disse: “Gaúcha, essa foto tem que ser mais juntinho, a outra (em Santa Maria) você ficou muito longe!”



Figura 11 - Fotografia com Carlinhos de Jesus no Dança Rio Grande 2002
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Infelizmente, e em grande parte por falta de incentivo do poder público, o Dança Rio Grande ficou apenas em sua primeira edição, deixando o “gostinho de quero mais” em todos que dele participaram.

Pude acompanhar outras tentativas de festivais no município, mas apenas um, o Festival de Dança Zona Sul, que teve sua primeira edição em setembro de 2019, conforme imagem do cartaz na Figura 12, que consegui através da página do festival no Facebook, vem se consolidando. Em 2020, conseguiu realizar uma edição especial on-line, devido à pandemia. Lembro de ter sido sondada para ser jurada na edição on-line, mas não chegamos a um acordo. E, em 2022, foi realizada mais uma edição presencial.



Figura 12 - Cartaz virtual do Festival de Dança Zona Sul
Fonte: Festival de Dança Zona Sul⁷, 2019.

Outro evento que pude participar em Rio Grande, mais precisamente no Balneário Cassino, foi o IV Cassino em Dança. Na oportunidade eu já estava cursando Dança na UFPel e fiz parte como estagiária, como registro nas Figuras 13 e 14, o crachá e o certificado de monitoria.

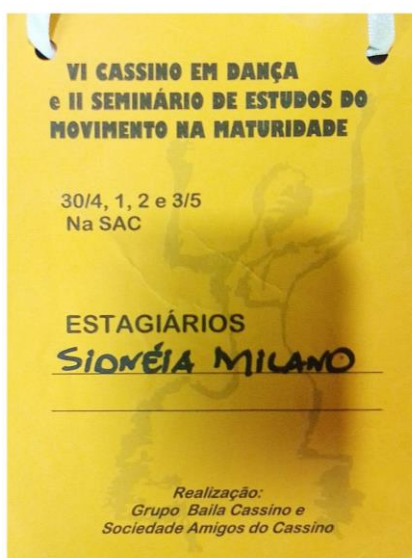


Figura 13 - Digitalização do Crachá do IV Cassino em Dança
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

⁷ Perfil do Facebook encontrado em: <https://www.facebook.com/Festivalzonasul/>

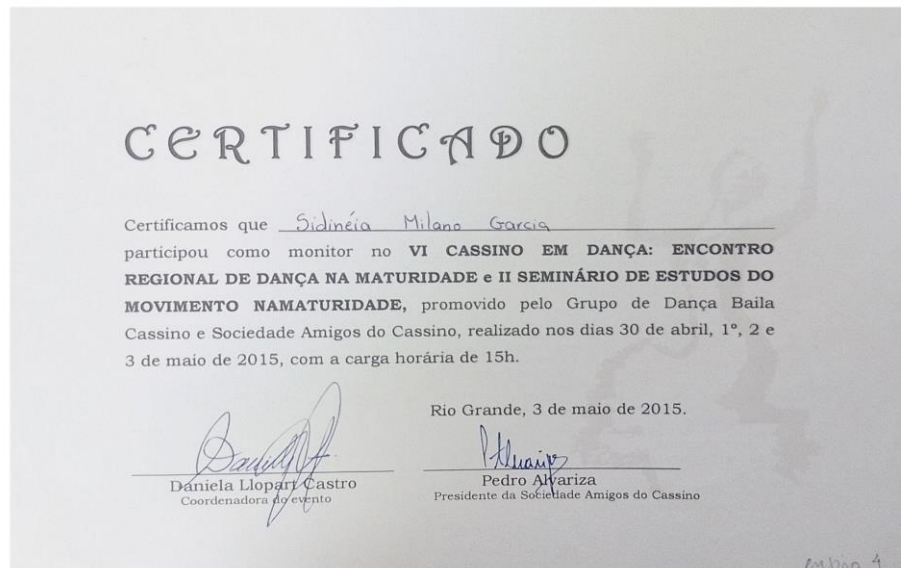


Figura 14 - Digitalização do Certificado do IV Cassino em Dança
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Neste evento, promovido pelo Grupo Baila Cassino, vinculado ao Projeto Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade, da UFPel, nos dias 30 de abril, 1º, 02 e 03 de maio de 2015, na Sociedade Amigos do Cassino (Balneário Cassino-RS), pude presenciar uma verdadeira troca de experiências entre a juventude e a terceira idade, registrado na Figura 15, bem como agregar conhecimento científico com as oficinas e outras atividades acadêmicas ocorridas nos dias do evento.



Figura 15 - Fotografia do momento de integração da juventude e da terceira idade no IV Cassino em Dança
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Uma das oficinas registrei e apresento na Figura 16. Dele participaram vários grupos da terceira idade de diversas cidades, dentre elas a cidade vizinha de Pelotas.



Figura 16 - Fotografia de uma das oficinas de dança no IV Cassino em Dança
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Apesar de toda essa movimentação, Rio Grande não possui muitos registros de festivais de dança organizados no município, mas sempre se fez presente em outros municípios do estado e também fora dele.

2.2 ESCOLA DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS

A Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, quando da sua inauguração, localizava-se na área central do município. Hoje está localizada, desde o ano de 2014, no antigo prédio do Jockey Club. O prédio inaugurado em 1922 sediou o Hipódromo Independência, onde os simpatizantes e amantes do hipismo se reuniam para grandes e movimentados torneios. Na figura 17, é possível ver como era movimentado o prédio com as corridas de cavalo. Pessoas de todo estado vinham para as competições. Tratava-se de um verdadeiro evento. Pessoas da sociedade local e de outros municípios lotavam as galerias do local.



Figura 17 - Fotografia "Dia de corrida no Jockey Club", Acervo: Papareia
 Fonte: Flickr⁸, 2013.

Na imagem a seguir, Figura 18, atual EBAHL, é possível ver o pátio interno, as antigas arquibancadas do prédio quando ainda era sede do Jockey Clube, voltadas para o atual estacionamento do Praça Shopping. Lembro de quando eu era criança e meu pai me levar para ver as corridas de cavalo no antigo Hipódromo. Acredito que tenham sido as últimas ocorridas por ali. Não tinha mais o mesmo glamour da época em que as corridas aconteciam, da figura 17, mas ainda assim, um movimento grande de curiosos e de muitos apostadores. Jamais imaginei que aquele local, com um volume grande de pessoas acessando, onde corri pelas arquibancadas e entre os eucaliptos, poderia ser fechado e transformado em outro tipo de instituição, no caso, uma escola de artes.



Figura 18 - Fotografia do pátio interno da escola
 Fonte: Acervo da EBAHL

⁸ Site encontrado em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs>

A escola de Belas Artes Heitor de Lemos surgiu primeiramente, como “Conservatório de Música do Rio Grande”, criado pelo Centro de Cultura Artística do Rio Grande do Sul. Sua inauguração data de 1º de abril de 1922. Na Figura 19, trago uma cópia, a qual tive contato na biblioteca da escola, em meio a vários outros documentos quando estava pesquisando o material para esta escrita, da Ata da Sessão Solene de inauguração do Conservatório de Música. Ela conta com assinaturas de autoridades e pessoas da sociedade da época. Esse é um dos poucos documentos que foram salvos na troca de endereço do prédio antigo para o novo, onde muito material se perdeu.

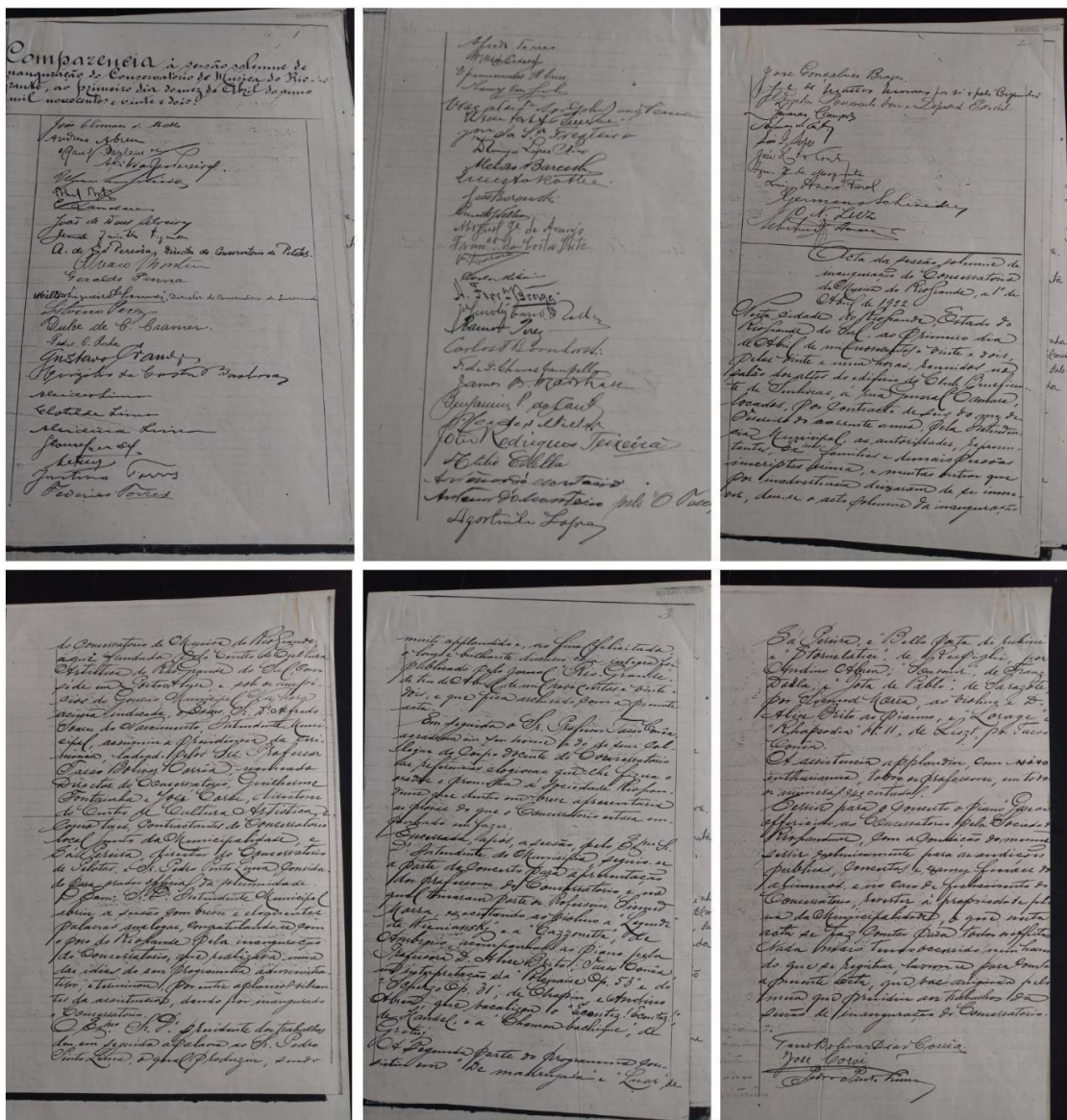


Figura 19 - Fotografia das páginas da cópia da ata da Sessão Solene de inauguração do Conservatório de Música em 1º de abril de 1922
Fonte: Acervo da Biblioteca da EBAHL

O Projeto Político Pedagógico da Escola (2019), quanto à mudança de Conservatório para Escola, traz que:

A instituição municipal Escola de Belas Artes Heitor de Lemos da cidade do Rio Grande, originou-se da lei municipal nº 703, de 3 de junho de 1954, que deu essa denominação à Escola de Belas-Artes, originária esta da transmutação do Conservatório de Música do Rio Grande, ordenada por lei competente. (p. 10)

A lei nº 703 encontra-se nos anexos (anexo A) e o nome da escola deriva de um de seus primeiros diretores, Heitor Figueira de Lemos, o qual ficou por muitos anos à frente da direção da escola. Ao incluir artes visuais e dança, segundo o último Plano Político Pedagógico, de 2023, o Conservatório de Música do Rio Grande ampliou a esfera de sua atividade didático-artística e, conseqüentemente, alterou sua finalidade inicial, que se circunscrevia ao ensino de música, pelo que foi transformado em Escola de Belas-Artes.

A criação da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos foi um marco para a cultura local. “A população de Rio Grande, vinha há alguns anos vivendo nessa atmosfera cultural, sendo o ato inaugural da escola mais um investimento nesse sentido”. (OLIVEIRA, 2015, p. 75)

Através da lei Nº 3356 de 26 de março de 1979 (anexo B), a escola passa por uma transformação, pois conforme regimento, até 1978, funcionava como escola de Nível Superior. Mas, a partir dessa data, não tendo reconhecimento legal, passa a uma nova categoria, ministrando a partir de então, cursos de caráter livre. Os cursos eram ministrados de acordo com programas oficiais do Rio de Janeiro e com a intenção, não mais de formar uma classe artística, mas apenas de levar o público em geral a ter o contato com as artes.

Em 1995, passa a ser reconhecida pela sigla EBAHL, tornando-se um espaço que abrangia as áreas de música, pintura e dança. Um ambiente onde “a arte estava presente tanto para a apreciação quanto para o aprendizado”. (PPP, 2020, p. 75)

Atualmente, a Escola está subordinada à Secretaria de Município da Educação - Prefeitura Municipal do Rio Grande, vinculada à rede municipal de Ensino. A prioridade da EBAHL é a formação dos alunos voltada ao Ensino Regular das Artes em quatro áreas distintas: Área de Artes Visuais, Área de Dança, Área de Música e Área de Teatro. O público atendido pela instituição vai dos 04 aos 90 anos. Destaco aqui, inclusive, que eu fui uma das crianças atendidas pela escola; na época, eu havia

começado a ler e escrever (o que era uma exigência para ingresso na época) e o ano era 1985.

Hoje em dia, a escola conta com cerca de 800 alunos, divididos nas quatro áreas e nos três turnos. O quadro de professores conta com cerca de 35 profissionais em educação, distribuídos entre professores(as) regentes concursados, setor (direção, vice-direção, supervisão escolar, orientação, secretaria e artes gráficas), monitores para inclusão e prestadores de serviço.

Trata-se de uma realidade bem diferente da época em que fui aluna. Talvez a procura fosse menor, pois lembro que não se tratava de uma instituição totalmente gratuita. Lembro também de minha mãe dizer: “Tenho que separar o valor do Belas!”



Figura 20 - Fotografia da atual fachada da EBAHL
Fonte: Acervo pessoal da Professora Fabiana Stone, 2023.

O prédio atual conta com doze salas de aula (duas delas equipadas e destinadas à prática da dança), uma biblioteca, dois ateliês, um auditório, nove banheiros (alguns adaptados para vestiário e um para sala de atendimento da profissional de Educação Física), um almoxarifado, um refeitório, uma sala de professores, uma sala para reuniões, uma galeria (que apresenta trabalhos de artistas de dentro e de fora da escola), secretaria e uma sala de reserva de figurinos (que nós da dança chamamos carinhosamente de “cafófo” e que ultimamente dividimos com o pessoal do teatro).

Ainda falando do atual prédio, trago na Figura 20 parte da fachada da escola. Primeiramente “lisa”, sem imagens, o que pensávamos (toda equipe, entre professores e direção) que não traduzia o que ali realizávamos. Então, os professores da área de Artes, tiveram a ideia de imprimir imagens que pudessem caracterizar as

áreas. Desta forma, foram pintadas silhuetas de artistas nas suas diversas atividades, imprimindo vida às paredes e divulgando o que fazemos naquele ambiente. Na continuidade do muro, tanto para o lado esquerdo como para o lado direito, seguem outras silhuetas.

A EBAHL apresenta, através de seus grupos e projetos, tanto atividades artísticas quanto beneficentes. Trata-se de Grupo de Dança, Grupo de Teatro, Grupos Vocais, Orquestra e outros, que desenvolvem seus trabalhos durante o ano letivo (visto que a escola acompanha o calendário escolar do município) e que a cada ano se renovam, por término da formação de seus componentes ou por entrada de outros.

Na Figura 21, represento meu orgulho em ter feito parte do Grupo de Dança da EBAHL entre os anos de 2016 e 2017. Eram integrantes do grupo de estudantes do curso, bailarinos já formados pela escola e professoras da área. Tenho muita saudade de fazer parte como bailarina, hoje em dia atuo efetivamente como coordenadora e coreógrafa ao lado da ensaiadora e repositora coreográfica Tatiana Klinger (atual responsável pelo grupo).

Lembro que foi uma experiência que acrescentou muito em meu percurso artístico. Precisei voltar a exercer minha disciplina de aluna (não que já não exercesse nos outros gêneros em que eu continuava dançando, mas tendo a consciência de como a exigência e disciplina do Ballet se fazem mais rigorosas), mas entender que naquele momento, eu precisava, mais que nunca, entender a forma com a qual os estudantes percebem esse espaço. O fato de estar dançando no mesmo ambiente que eles, quebrava uma barreira imaginária e cultural de aluno *versus* mestre.



Figura 21 - Fotografia do Grupo de Dança da EBAHL na apresentação do Espetáculo "Joyaux"
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A ideia dessa fotografia, na verdade, foi minha. Havia visto algo parecido nas redes sociais. Estávamos fazendo as fotografias oficiais e meu lado “Professora de Arte” falou mais alto. Lembro que demoramos um pouco a acertar... rimos bastante... primeiras fotos: várias caretas... as meninas pedindo pra fazer de novo... mas, ao fim, tivemos um resultado satisfatório e uma linda lembrança daquele momento.

Cada curso da EBAHL, em cada área, é estruturado de acordo com suas especificidades. Todos os cursos, possuem um quadro de professores especializados, com coordenação pedagógica própria, que no caso da Área da Dança, no momento, eu ocupo a função, bem como conteúdo programático, que segue metodologias baseadas em literatura e práticas adequadas ao ensino de suas técnicas.

A escola procura adaptar-se às novas tecnologias com implantação de rede de Internet com wi-fi por toda escola (proporcionada por parceiros da iniciativa privada) e ainda conta com a comunicação com pais e alunos através de grupos de whatsapp e com a comunidade através de páginas nas redes sociais como Instagram e Facebook.

Na Figura 22, apresento o layout da página do Facebook que tem uma procura bem maior que a página do Instagram, o que acredito acontecer por ser uma rede social mais popular e mais antiga. Na Figura 23, o layout da página do Instagram. As duas páginas foram criadas na mesma época por reivindicação da própria comunidade escolar na busca de informações durante a pandemia. As duas redes acabaram se tornando uma ferramenta essencial, sendo indicada como local de informação também para o público em geral. Seguem as Figuras 22 e 23:



Figura 22 - Print do layout da página do Facebook da EBAHL
Fonte: EBAHL, 2023

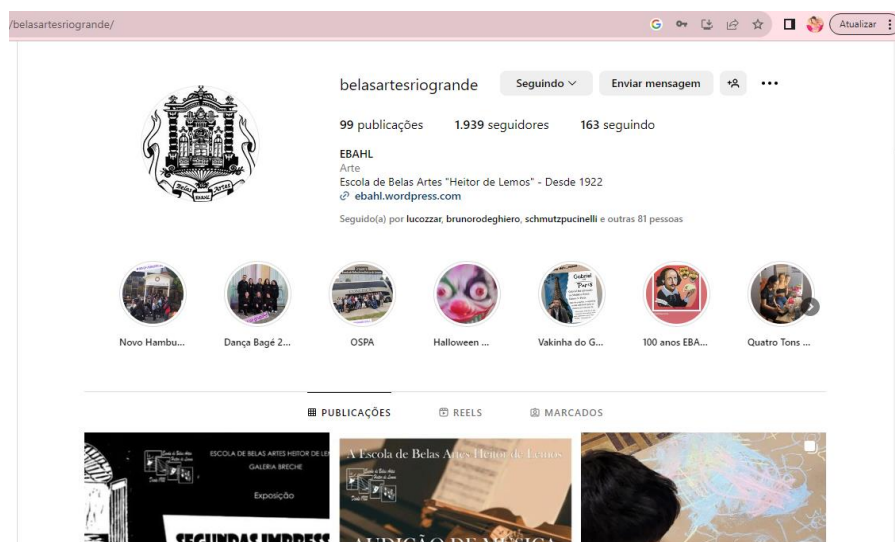


Figura 23 - Print do layout da página do Instagram da EBAHL
Fonte: EBAHL, 2023.

2.3 A DANÇA NA ESCOLA DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS

Como já apresentei em documento que pude registrar, a dança entra oficialmente para os cursos da EBAHL em 1969. Porém antes, ela já se integrava às atividades da escola através dos profissionais da área da música.

Os primeiros profissionais que atuaram na área da dança na cidade de Rio Grande, como já mencionado, foram aqueles que iam fazer seus estudos na Europa e em grandes centros culturais e por lá, tinham contato com a Dança Clássica. Não possuíam a formação específica em dança porém, tinham a oportunidade de experienciar a arte da dança enquanto faziam sua formação acadêmica em outras áreas.

A partir da implementação do curso regular de dança na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, os profissionais contratados, passaram a ser, em sua maioria, moças que iam para capital estudar. Faziam sua formação, em geral, no curso de Educação Física (o que na época era o mais próximo à Dança) e estudavam nas escolas e companhias de dança de Porto Alegre e de outras capitais do país.

Até então, os professores da escola faziam parte do quadro de profissionais mediante convite e contrato. Não havia o vínculo através de concurso. Trago como exemplo a Professora e Bailarina Vanessa de Oliveira que, na época, em que atuou na escola, era contratada. Tratava-se de uma aluna formada pela escola e que atuava como professora.

Quando a ex-diretora Beatriz assumiu a direção, começou a procurar na rede municipal, professores que tivessem formação em dança (na maioria dos casos com formação tida como informal) para acrescentar ao quadro de profissionais da escola. Eram profissionais que estavam dançando ou haviam feito sua formação em escolas da região e também alunos formados pela própria escola.

Não havia concurso para Dança no município. No meu caso, o concurso que prestei para o ingresso no funcionalismo público do município foi em Artes - Séries Finais. Hoje em dia, os professores que eram apenas contratados foram dispensados, ficando só os que, como eu, tinham experiência em dança, mesmo tendo entrado por outras áreas de concurso.

Em 2019, foi lançado um concurso na área da educação municipal específico para o ensino da dança, onde o quadro da escola pode ser, então, acrescido de profissionais formados em dança.

No quadro a seguir (próxima página), é possível ver a composição atual do corpo de professores. Eu e a professora Tatiana, fomos as únicas que ficaram do antigo quadro (antes do concurso específico). Apesar da professora Tatiana ser formada em Dança seu concurso foi para Magistério - Ed. Infantil. No quadro ainda contamos com uma profissional da área de Educação Física, a professora Clarice, por entendermos que as áreas dialogam e que, além de uma atividade artística, a dança também trata de uma atividade física.

Através do concurso, ingressaram para o quadro docente da escola, as professoras Bruna Garcias e Jéssica Carvalho, ambas egressas do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel.

Tabela 1 - Quadro de Professoras Área da Dança

QUADRO DE PROFESSORES ÁREA DA DANÇA EBAHL							
Professor	Idade	Curso de Formação	Ano de Formação	Área de Concurso	Ano que entrou na Escola	Níveis e/ou disciplinas em que atua em 2023	Gêneros em Dança que possui experiência além do Ballet Clássico
Bruna Monteiro Baes Garcias	30	Dança-Licenciatura UFPel	2019/1	Dança	2020	Baby Class, Pré Ballet, Preparatório	Jazz e Dança Contemporânea
Clarice Janaína de Oliveira Gonçalves	33	Ed. Física – Licenciatura	2017	Ed. Física – anos finais	2021	Alongamento e Flexibilidade, Condicionamento Físico para a Dança e Preparação Física para a Dança	
Jéssica Oliveira de Carvalho	28	Dança-Licenciatura UFPel	2018/1	Dança	2020	Laboratórios I, II A, II B e III, História I e III, Laboratório de Jazz e Básico III	Jazz, Dança Contemporânea e Danças Folclóricas
Sidinéia Milano Garcia	43	Artes Visuais – Licenciatura FURG Dança-Licenciatura (em andamento)	2004	Artes – anos finais	2015	Básico I, Básico II, Coordenação	Jazz, Dança do Ventre, Dança de Salão, Dança Folclórica Portuguesa
Tatiana Campiani Klinger	43	Dança Licenciatura e Bacharelado – FAP	2003	Magistério – Ed. Infantil	2013	Intermediário I, II e III, Avançado I e Repertórios I e II	Dança Contemporânea, Pilates e PBT (Power Ballet Technique)

Fonte: GARCIA, 2023 (Elaboração Própria da Pesquisadora)

Atualmente, a Área da Dança na EBAHL, apresenta um Curso Regular de Ballet Clássico Intermediário e Práticas Especiais em Dança (experiência em outros gêneros e necessárias para a formação dos estudantes). Por algum tempo, a área, contou com o curso de Jazz que, no momento, está sendo reestruturado e trabalhado como uma das práticas especiais. Já apresentou outros gêneros também como Dança Contemporânea, Sapateado e Dança do Ventre.

O curso tem como objetivo proporcionar ao estudante conhecimento consistente, claro e sistematizado da teoria e fundamentos técnicos do Ballet Clássico, bem como a trajetória histórica da dança e experimento de outras linguagens da dança.

São atendidos por ele crianças, jovens e adultos. A idade mínima para entrada no curso regular é de 04 anos e máxima de 08 anos, pois para as crianças de 04 anos é oferecido o Baby Class (que contará como horas ao final do curso e não faz parte do curso regular), para as de 05 o nível Pré-ballet (que já faz parte do curso regular porém não é obrigatório) e dos 06 aos 08 o nível Preparatório (que faz parte do curso regular e é obrigatório). Para as crianças maiores, jovens e adultos a escola oferece a modalidade de Laboratório de Ballet, onde podem, durante um ano, experienciar a técnica e ao final passar por avaliação para tentar uma vaga no curso regular.

Segundo o currículo da área, o curso se divide em teoria e prática nos seguintes níveis: Pré-ballet (para estudantes de 05 anos), Preparatório (para estudantes de 6 a 8 anos), Básico I, Básico II, Básico III, Intermediário I, Intermediário II, Intermediário III, Avançado I, Avançado II, Ballet de Repertório I (o estudante pode ingressar quando estiver cursando o Intermediário II), Ballet de Repertório II, Ballet de Repertório III, História da Dança I (o estudante pode ingressar quando estiver cursando o nível Intermediário I), História da Dança II, História da Dança III. E o currículo ainda prevê as Práticas Especiais em Dança que compreende o Baby Class (para estudantes de 4 anos), Laboratório de Ballet (para estudantes maiores de 8 anos e até 30 anos, que desejem passar pela experiência do Ballet Clássico) e ainda Jazz ou outro gênero que a escola possa oferecer (isso dependerá da disponibilidade de professores no quadro). Essas Práticas Especiais deverão computar cerca de 200 horas para que junto à carga horária do curso regular o estudante possa concluir o curso.

Tais estudantes são avaliados tanto quantitativamente quanto qualitativamente, através avaliações teóricas e práticas dos conteúdos trabalhados bem como da performance nas diversas formas de apresentação (Exercício Prático, Espetáculo de

Fim de Ano, Audições e etc.). O objetivo maior não é avaliar apenas o resultado final, mas sim o percurso de cada estudante. Enquanto professora, vejo que como observar o processo é de importante relevância para o planejamento das práticas visto que, o gênero do Ballet, é tido como uma técnica “engessada” e que posso ressignificar, através dessa observação, todo o processo de aprendizagem do estudante e também meu próprio processo metodológico.

Como professora e estando à frente da coordenação da área, tenho a oportunidade de me engajar nos projetos e eventos existentes e, inclusive, propor novos. Pude esse ano criar o projeto “Ballet em Meia Ponta” onde seleciono bailarinos que ainda não chegaram à técnica de pontas para que possam, junto ao Grupo de Dança (alunos dos níveis mais avançados), representar a escola em apresentações e eventos. Além disso eu e as colegas da área, procuramos nos engajar em outros projetos das outras áreas, para fazer com que o nosso aluno entenda a Arte como um “todo” e não de forma fragmentada.

Desde à introdução da dança, a escola produz e apresenta espetáculos, inclusive, de encerramento do ano letivo. Mas também e, sempre que possível, monta outros espetáculos e obras menores. Muitas vezes com integração como outras áreas, como a música, que são apresentados em outras oportunidades.

Os primeiros espetáculos da escola surgiram da criação das próprias professoras, pelo motivo de que era muito difícil conseguir material para remontar Ballets de Repertório. Registros, notações e outras informações eram escassos e trazer pessoas especializadas e autorizadas para montar os espetáculos era quase inviável. Por volta dos anos de 1970, através de relatos informais de algumas ex-bailarinas da escola e até mesmo da ex-diretora Beatriz Batezat Duarte, é possível perceber o início das montagens e adaptações dos Ballets de Repertório: “E tinha também o nosso primeiro espetáculo. Eu não lembro se foi 71 ou 72, eu entrei em 69. E agora a gente tem que dizer, né? 1960, século passado.” (informação verbal)⁹

Lembro que, no ano que entrei como aluna, em 1986, o espetáculo era “A Floresta Encantada do Chapeuzinho Vermelho”. Entre os papéis do meu “tesouro” (pasta que guardo vários dos materiais do meu acervo pessoal, que apresento através de algumas figuras) encontrei o programa desse espetáculo, que trago através da

⁹ Informação fornecida por Beatriz Batezat Duarte em entrevista para este trabalho, em Rio Grande, em outubro de 2021.

Figura 24. Os recursos de artes gráficas ainda eram poucos. Essa cópia guardo dentro de um saco plástico, separada de outros documentos.

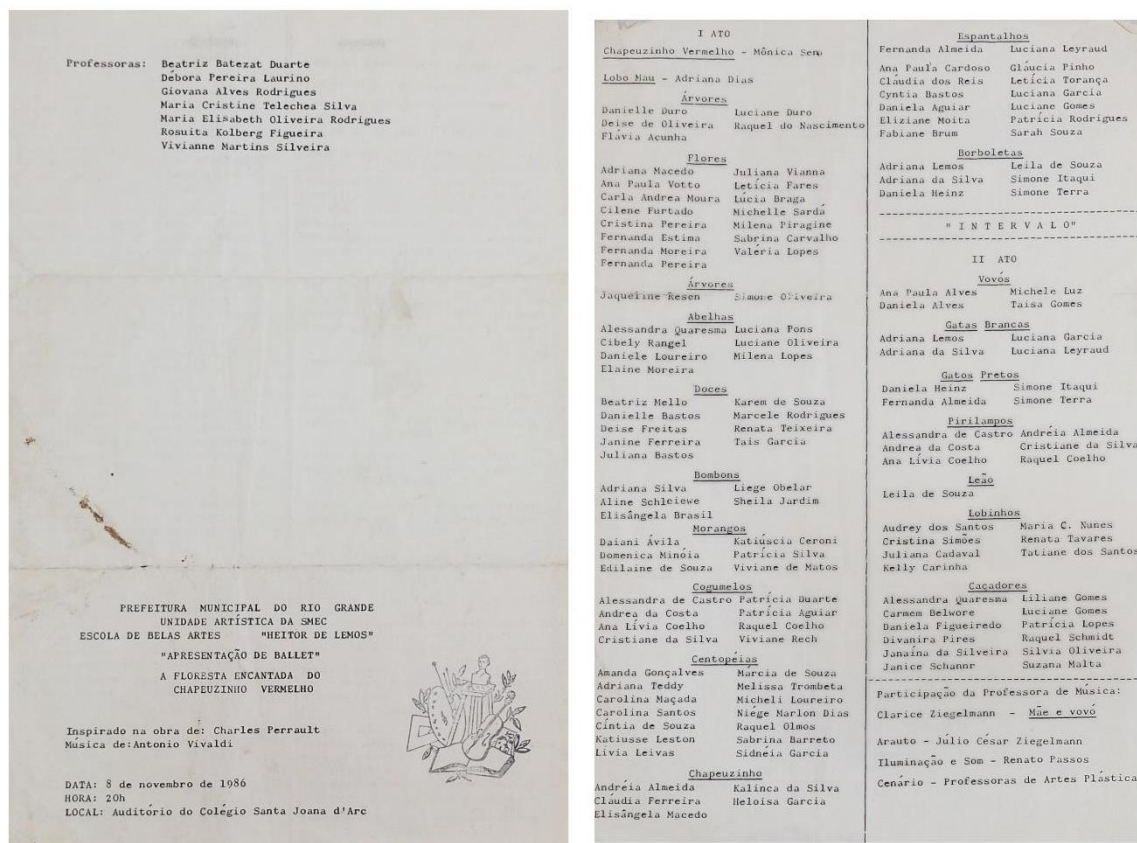


Figura 24 - Digitalização do Programa do Espetáculo "A Floresta Encantada do Chapeuzinho Vermelho"

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Esse programa é disparador de várias lembranças: colegas, figurinos, música... Ao entrar em contato com a documentação da escola, não encontrei nenhuma outra cópia. Mesmo tendo algumas lembranças, esse programa faz recordar outras tantas. Lembro do meu encanto ao experimentar o figurino pela primeira vez. Eu fui uma Centopeia e lembro que do figurino fazia parte um rabo de colas de isopor que iam diminuindo... um capacete de gaze gessada com duas anteninhas... a cor verde... Ainda havia a bolsinha vermelha de cetim, onde era colocado um pequeno espelho que a professora pedia que tirássemos de dentro da bolsinha, em certo momento da coreografia, nos olhássemos nele e fizéssemos de conta que estávamos passando batom.

Alguns pequenos detalhes, mas que ficaram registrados em minha memória e se tornaram grandes recordações, provando o quanto certas coisas, gestos, detalhes e momentos podem influenciar durante nosso percurso.

Ao retornar à escola, anos depois, tive a oportunidade de fazer parte de todo o processo de concepção, produção e confecção desses eventos, desde escolhas mais simples até as mais complexas. É importante salientar que em nossa formação, mais centrada na docência, estudamos sobre esses conceitos artísticos, porém ainda supervisionados e com o apoio acadêmico. Isto posto, a realidade que vivi no cotidiano da EBAHL foi um tanto quanto singular. Deparei-me com a realidade de uma escola de arte que necessita que eu transite entre esses papéis: professora, diretora de espetáculo, coreógrafa, iluminadora, etc. Para além disso, saliento que a EBAHL é pública que possui características de ensino formal (pois possui regimento próprio, cursos estruturados com conteúdo programático e avaliações) e do ensino não formal (pois é comparada ainda a uma academia, já que não é reconhecida legalmente enquanto escola).

Desta forma, destaco que os espetáculos montados e apresentados pela Escola e dos quais tenho a oportunidade de fazer parte, ocupando vários papéis, muitas vezes até como bailarina, tratam-se de adaptações voltadas à sua própria realidade. Procuramos adaptar histórias que sejam de domínio público. Ou, então, procuramos criar nossa própria história, como faziam as professoras da escola em outras épocas.

A seguir, na Figura 25, apresento alguns programas e um cartaz de quando voltei para a escola. Como já mencionei, foram espetáculos adaptados e condizentes com a realidade escolar. Deles pude fazer parte de várias maneiras. No primeiro que aparece na fotografia é “Joyeux” (2016), uma adaptação de espetáculo de mesmo nome que atuei como bailarina e coreógrafa e que já apresentei no capítulo anterior.

Na sequência as adaptações de “Esmeralda” (2017) e Aladdin (2018) onde fiz parte apenas como coreógrafa. Foram espetáculos enormes visto que tínhamos muitos alunos o que dificultava, de certa forma, a montagem dos mesmos. Lembro que em Aladdin, os alunos foram divididos em dois elencos, o que foi um verdadeiro desafio.

A última imagem da figura é o cartaz de “Alice” e “*Le Corsaire*” (2019), onde atuei como diretora, coreógrafa, bailarina, figurinista e roteirista. Esse, acredito, ter sido o de maior desafio para mim. Eu havia assumido o cargo de coordenadora da

área da dança, o número de alunos continuava alto (por ter sido antes da pandemia) e o número de professores havia sido reduzido. Éramos três profissionais para atender toda a área.

Sobre a questão do registro em programas dos espetáculos de cunho pedagógico, Beatriz Batezat Duarte observa que:

Porque antes a gente tinha alguma coisa assim escrita, cada um tinha o seu, mas uma coisa mais assim elaborada... [...] foi mais oficial, essa parte pedagógica foi nessa época, que eu acho que foi... não sei se em 85, por aí que a gente começou a fazer essa parte. (informação verbal)¹⁰



Figura 25 - Fotografia de capas de Programas e Cartz de Espetáculos de 2017 a 2019
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

¹⁰ Informação fornecida por Beatriz Batezat Duarte em entrevista para este trabalho, em Rio Grande, em outubro de 2021.

3 MINHA TRAJETÓRIA NA DANÇA

Após apresentar até o momento, todo esse panorama histórico, onde já me incluo em alguns momentos, trago minha trajetória. Através de minhas lembranças e reflexões sobre elas e acreditando fazerem parte desse panorama, faço relações entre meus momentos “dancísticos” e minha experiência tanto acadêmica quanto artística.

Todas as vezes que me pego pensando em momentos da minha vida, em sua grande maioria, são voltados à dança. Mesmo quando penso que não são relacionados... algo acaba, de certa forma, tendo ligação com o assunto. Sempre afirmei, e continuo afirmando, que não vejo minha vida sem dançar, que não sei fazer outra coisa que não seja dançar.

Ao ser entrevistada por uma rádio local para um podcast¹¹, referente às comemorações pelo Dia da Bailarina (1º/09/2023) que a escola estava programando, o entrevistador, o ator André Barros, relatou que faria em seu aniversário uma peça de teatro. Contou-me que a peça seria sobre o seu encontro com a morte, onde ele tentaria convencê-la de não levá-lo. Então, perguntou-me, caso eu encontrasse com a morte, qual seria meu argumento para que ela não me levasse. Na hora fiquei surpresa. Pensei um pouco e, por estar impregnada e mergulhada nesse processo de relembrar e trazer para o meu presente várias experiências e vivências em dança, minha resposta foi: “Ainda tenho muito que dançar!”

Entrando em contato com várias fotografias, para organizar minha escrita, senti a necessidade de que as informações mais relevantes fossem arranjadas de uma forma cronológica. Dessa forma e baseado em minha metodologia, que admite esse mergulho em minhas lembranças, acabei criando uma linha do tempo, com fatos e fotografias, algo que, até então, não havia feito ao longo de todos esses anos. Assim, com minha linha do tempo criada, conforme apresento a seguir nas Figuras de 26 a 29, tentei, de forma resumida, elencar momentos que acredito serem pontos de destaque nessa minha trajetória dançante.

Algumas experiências como artista e outras como professora, muitas de forma ainda amadora e outras já fazendo parte de minha vida profissional. Percebi que sempre estive ligada à dança e que agreguei experiências diversificadas em vários gêneros, como apresento a seguir:

¹¹ O podcast (publicação digital em formato de áudio ou vídeo) pode ser visto na íntegra pelo endereço eletrônico <https://fb.watch/mMZjK-qvzf/?mibextid=Nif5oz>



Figura 26 - Infográfico da linha do tempo parte 1
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

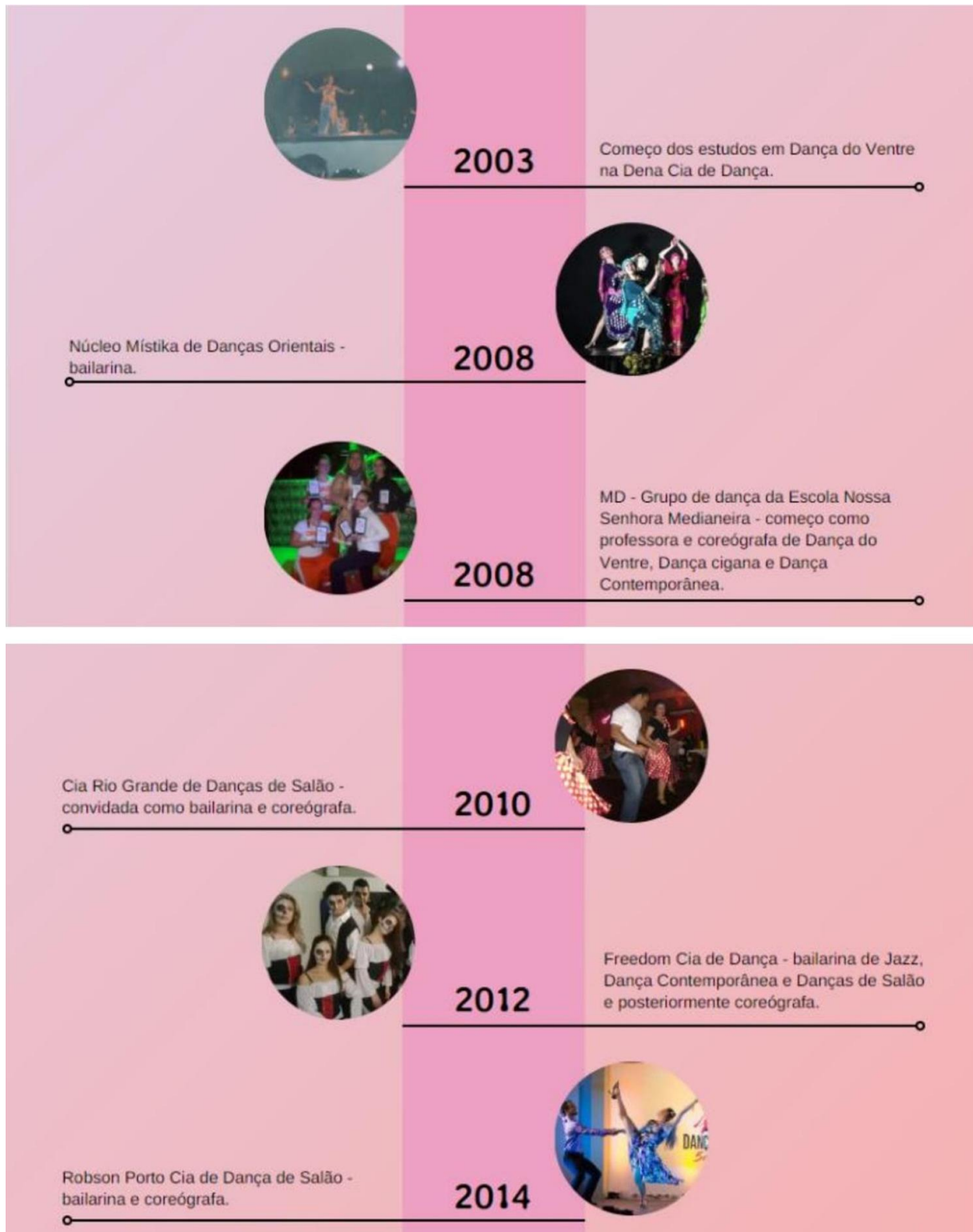


Figura 27 - Infográfico da linha do tempo parte 2
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Figura 28 - Infográfico da linha do tempo parte 3
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Figura 29 - Infográfico da linha do tempo parte 4
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Ao pesquisar e construir essa linha do tempo, percebi em todo meu percurso (ou grande parte dele), o quanto as experiências e o meio, de um passado não muito distante, tem relevância nas ações futuras, algo que minha metodologia me permite. E saliento as palavras de Dantas (2016) sobre a relação da autoetnografia com a obra coreográfica e que trago para minha realidade de construção do registro dessa trajetória em dança:

A autoetnografia vem se consolidando como uma escrita de si, que permite o ir e vir entre as experiências pessoais e as dimensões culturais, buscando reconhecer, questionar e interpretar as próprias estruturas e políticas do eu. Uma parte significativa dos artistas/pesquisadores procede a colheita de informações sobre sua própria trajetória e processo de criação, procedimento que se assemelha a uma colheita de dados autoetnográficos. Nesse caso, o pesquisador utiliza essas informações para produzir conhecimentos intrínsecos à prática artística. (DANTAS, 2016, p.173)

O início dessa trajetória, como já comentei, foi aos 06 anos. Naquela época, era a idade que se costumava a começar os estudos. Ainda não havia as aulas chamadas de Baby Class (alunos menores de 05 anos).

Por questões principalmente financeiras, não pude continuar meus estudos. Fiquei alguns anos distante dos estudos em dança mas não da dança em si. Alguns anos depois, em 1991, fazendo parte do clube Centro Português de Rio Grande, pude integrar o grupo de dança folclórica que havia sido criado lá.

Na verdade, fui uma das fundadoras do grupo. Éramos jovens, na sua maioria filhos de sócios ou membros da diretoria. Foram vários anos representando o clube e a dança folclórica portuguesa em várias localidades, inclusive em capitais como Montevideu – Uruguai e Buenos Aires – Argentina. O grupo chamava-se “Rancho Folclórico¹² do Centro Português da Cidade do Rio Grande”.

Ainda fazendo parte do Rancho, em 1996, entrei para o grupo de estudos em dança flamenca na escola que eu frequentava, o Instituto de Educação Juvenal Miller. Ele fazia parte do grupo de artes cênicas da escola que se chamava “Ars Flamma”. Apesar de pouco tempo, foi uma experiência muito gratificante pois era encantada com a dança flamenca e, como a maioria dos gêneros em dança, era difícil ter acesso em Rio Grande.

¹² Rancho Folclórico é o nome dado em Portugal aos grupos que resgatam e apresentam as danças folclóricas portuguesas.

Após sair do grupo de dança flamenca, comecei a procurar lugares que me aceitassem (quase adulta) como estudante de ballet clássico novamente. Foram alguns anos afastada, mas sempre tive a vontade de retornar. Visitei várias escolas e academias, mas a barreira da idade se tornava evidente. Não havia ensino de Ballet Clássico voltado para adultos em Rio Grande, naquela época.

A mim foram oferecidas aulas nos níveis iniciais, porém, não me sentia bem visto que as turmas eram constituídas de alunas que tinham por volta de 05 e 06 anos. Na época eu havia acabado de entrar na minha primeira faculdade e entre idas e vindas aos locais de ensino de dança procurando um lugar, em 1998, encontrei a “Dena Cia de Dança”, da professora Denise Prado. Ela foi me adaptando às turmas que tinham idade mais próxima da minha e eu precisei estudar muito mais para aprender o que eu ainda não sabia da técnica para que pudesse assim, acompanhar as outras alunas mais adiantadas.

Nesta Companhia (Dena), foram vários anos e tive a oportunidade de passar por vários gêneros e várias experiências no mundo da dança. Inclusive, saliento que foi onde comecei meus estudos em Dança de Salão (uma das minhas paixões ao lado do Ballet Clássico). Foram inúmeros festivais que participamos, enquanto grupo e que também, tivemos a oportunidade de nos envolver na organização (Dança Rio Grande 2002), inclusive um que, para mim, foi um “divisor de águas”: o “Festival Internacional de Dança de Joinville”, no ano de 2005.

Na época as distâncias além de físicas eram também de comunicação. Lembro da gravação da fita VHS (meio audiovisual que tínhamos para enviar os trabalhos para a avaliação através do serviço dos Correios), dos ensaios feitos na quadra do Ginásio Farydo Salomão (pois as dimensões de palco eram bem distantes da realidade dos palcos que já havíamos dançado), da falta de incentivo financeiro (tudo era pago do nosso bolso, desde inscrições até alimentação de cada um), do estresse natural causado pela tensão de ter sido escolhido para a competição.

Em 2003, ainda fazendo parte da Dena Cia de Dança, após ter entrado em contato com vários gêneros de dança e passado por diversas experiências, tanto como aluna quanto como professora, encontrei com aquele que passou a ser minha terceira paixão: a Bellydance ou Dança do Ventre, com a professora Claudia Bittencourt. E em 2008, ela criou sua cia “Grupo Mística de Danças Orientais” e me convidou a participar.

No mesmo ano de 2008, surge o convite para ministrar aulas no “Grupo MD”. Se tratava de um grupo de dança de uma escola local, com meninas de várias idades. Nele comecei como professora e coreógrafa de Dança do Ventre e, aos poucos, atuando como bailarina. Foi onde tive um maior contato com a experiência de criação em dança, porque, além da Dança do Ventre, me foi solicitado que trabalhasse outros gêneros que eu já havia tido contato, inclusive Dança Cigana.

Já havia ministrado aulas e criado coreografias, mas sempre com a orientação e supervisão da proprietária da academia a qual fazia parte, era a primeira vez que passava pela experiência sozinha. Foi onde começaram os meus primeiros questionamentos sobre a minha formação em dança e o quanto ela fazia diferença no meu ensino. Nessa época eu já era graduada e licenciada em Artes Visuais pela FURG (Fundação Universidade Federal de Rio Grande) e essas questões acerca da docência, já faziam parte das minhas preocupações.

Ainda no Grupo MD, por volta de 2010, conheci o professor Max Valente, responsável pela “Cia Rio Grande de Dança de Salão”. Sabendo de toda minha experiência em dança, convidou-me a fazer parte de sua cia como bailarina e também coreógrafa. Durante um período precisei aprender a administrar meu tempo entre trabalho (nessa época eu trabalhava como professora em uma escola do município – já era concursada e cedida algumas horas para a Secretaria de Cultura), minha participação como professora, coreógrafa e bailarina no Grupo MD e coreógrafa e bailarina na Cia Rio Grande. Por volta de 2011, por problemas pessoais, o professor Max precisou encerrar as atividades da Cia.

Já em 2012, surgiu o convite para participar da “*Freedom* Cia de Dança”, uma companhia com proposta diversificada. Surgida em meio a questões de aceitação dos seus fundadores, ela tinha por objetivo quebrar alguns paradigmas ligados à gênero, aparência, idade. Contava com um grupo de pessoas onde algumas já tinham experiência em dança e outras não. Suas coreografias transitavam por vários gêneros de dança e em sua maioria, faziam críticas bem evidentes ao comportamento das sociedade ligados ao paradigmas já citados.

Participando da *Freedom*, tive a oportunidade de estabelecer parceria na Dança de Salão com o Professor Robson Porto, um de seus fundadores que, além de colega em diversas coreografias, passou a ser um amigo. Em 2014, ele cria sua própria companhia a “Robson Porto Cia de Dança de Salão” a qual pude fazer parte como bailarina e coreógrafa.

Após alguns anos de questionamento sobre a docência em dança, o convívio com o professor Robson que estava cursando Dança na UFPel e a campanha de colegas de serviço para que eu ingressasse no curso ainda em 2014, resolvi prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para concorrer a uma vaga no curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Em 2015, ingressei no curso e resolvi aceitar o convite da diretora EBAHL, a professora Beatriz Batezat, para fazer parte do quadro de professores da Escola. Este foi um momento de bastante importância na minha carreira profissional. As lembranças de querer ser professora de dança vieram à tona. Era a realização de um desejo que descreverei, com mais detalhes, no próximo capítulo.

De 2016 a 2018, atuei como professora, coreógrafa e bailarina na EBAHL e, em 2019, também assumi o cargo de Coordenadora Pedagógica da Área da Dança. Nesse tempo, pude fazer as aulas de minhas colegas de trabalho e ainda continuar atuando como artista, também fora da escola.

Já em 2020, mesmo em meio à pandemia, comecei os estudos de Dança de Salão, mais precisamente Samba de Gafieira, com o Prof Diego Houwes, profissional riograndino, formado em Educação Física e com Pós-graduação em Dança e Consciência Corporal pela UGF/RJ (Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro), que viveu alguns anos no Rio de Janeiro, onde pode estudar com grandes nomes da Dança de Salão. Nos conhecíamos por nos encontrarmos em alguns eventos e festivais de dança. Mas foi nesse encontro, ao começar a fazer aulas, que pudemos estabelecer uma nova parceria. Já fazia algum tempo que estava afastada da Cia Robson Porto e havia uma ansiedade de minha parte em aprender um pouco mais sobre Samba.

Os anos de 2020 e 2021, considero os mais difíceis de toda minha trajetória. A pandemia fez com que eu me reinventasse. Precisei aprender a lidar com novas tecnologias e aprender a lidar com a impossibilidade do encontro e do toque. Trabalhar com Arte à distância, principalmente a Dança, foi algo que jamais imaginei. Trabalhar com o sensível sem a presença dos sujeitos foi um completo desafio, com várias tentativas, algumas frustradas, de elaborar um trabalho que tivesse o mínimo de qualidade, fosse ele a gravação de aula ou até mesmo a gravação de trabalhos como vídeo-dança.

No retorno das atividades presenciais em 2022, a EBAHL apresentou o Espetáculo “Era uma vez...”. O objetivo era o de comemorar os 100 anos da escola

(completos em meio à pandemia, mas não comemorado). Dessa vez, mesmo como Coordenadora Pedagógica, a direção do espetáculo ficou por conta da ex diretora Beatriz Batezat, que foi convidada pela direção da escola para esse trabalho específico. O espetáculo contou com a apresentação de estudantes da escola e vários bailarinos e professores que passaram por ela e coreografias assinadas e outras adaptadas de alguns ballets de repertório, pelos professores da área. Nessa homenagem, Beatriz mostrou um pouquinho de cada espetáculo já apresentado nos anos em que a dança fez parte das atividades escolares.

Em 2023, sigo trabalhando como Coordenadora, Professora e ainda Bailarina (dentro e fora do ambiente da EBAHL) e com o objetivo de conclusão do Curso de Dança-Licenciatura, o que considero o encerramento de um ciclo formativo, mas não o fim da minha incursão nos estudos em dança.

Ao escrever sobre toda essa minha trajetória, algumas questões disparadoras de meu diário, começaram a se fazer presentes. A primeira que trago aqui foi “Quais as experiências mais marcantes que eu tive dançando?” e tentarei responde-la.

Minhas experiências marcantes na dança são muitas. Desde viagens internacionais à participação em festivais de dança, como relatei ao comentar minha linha do tempo. Dito isto, percebi, ao entrevistar Vivianne Silveira, que, assim como para mim essas lembranças de viagens, cursos e afins eram memórias marcantes, para ela também eram.

Ela menciona que: “o que eu mais curtia, as lembranças boas é fazer cursos fora, as viagens. Ficávamos todo mundo junto. Me lembro uma viagem que a gente foi a Criciúma, como foi bom” (Informação Verbal)¹³.

Algumas experiências se tornam mais significativas que outras, mas nem por isso se tornam menos importantes, mas deram base para toda minha vida artística e também para minha vida como profissional docente em dança.

Um desses fatos não mencionados na linha do tempo, quando falo do meu retorno à EBAHL, foi o meu primeiro dia de trabalho. Lembro de reencontrar colegas que haviam dançado comigo em outros momentos e em outros lugares e outras pessoas que os palcos me oportunizaram conhecer. Mas o que mais me surpreendeu, foi o encontro com minha primeira professora de dança a Vivianne Silveira.

¹³ Informação fornecida por Vivianne Martins Silveira em entrevista para este trabalho, em Rio Grande, em outubro de 2021.

Quando me viu, a princípio, não me reconheceu. Porém, após conversarmos por um bom tempo e ela perceber e recordar quem eu era, saiu da sala da secretaria, onde estávamos e alguns minutos depois retornou com uma pasta. Minha admiração foi ver que ela havia localizado a pasta de meu cadastro na escola.

Na Figura 30, trago um recorte da imagem dessa pasta. Dessa vez, ao ver minha foto, quem recordou de vários momentos foi minha professora. Alguns detalhes que até eu mesma não recordava mais.

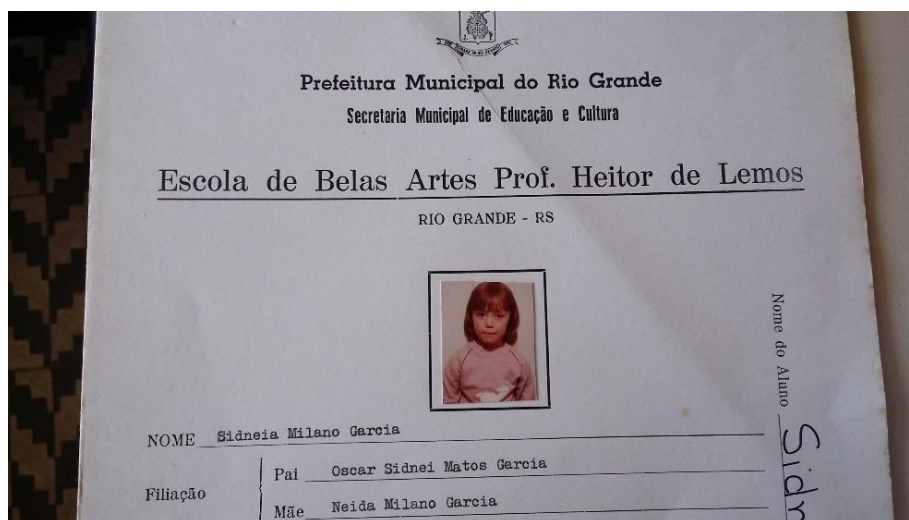


Figura 30 - Fotografia de parte da capa da pasta de cadastro na EBAHL
Fonte: Acervo EBAHL

Acredito que, além do que já foi mencionado, o que também me marcou nesses anos de dança, mais precisamente cerca de 37 anos, foram as conexões estabelecidas a partir e através da dança... algumas de amizade, outras profissionais.

E esses são alguns exemplos dessas experiências. Em certos momentos, essas elas se cruzam e me vejo falando novamente de algo que já foi mencionado, pois, a cada vez que rememoro algum fato, o mesmo desencadeia alguma reflexão sobre uma aspecto diverso do mesmo tema.

Acredito também que, em todo esse tempo atuando na dança, as trocas e aprendizagens também foram muito marcantes. Algumas com alunos, outras com profissionais renomados como, por exemplo, Sheila Aquino. Na fotografia, Figura 31, trago um dos meus encontros com uma das profissionais que tomo como referência na Dança de Salão. Foi no “2º Encontro de Dança de Salão”, em Pinheiro Machado - RS.

Observando sua forma de dançar e de ensinar, a cada encontro, aprendo sempre algo em relação à postura frente a dança e a forma como se relacionar com os sujeitos a quem ensinamos. Cada um dos profissionais que tenho a oportunidade de conhecer e reencontrar, agregam à minha trajetória novas formas de conhecimento que posso refletir nas minhas práticas.



Figura 31 - Fotografia com Sheila Aquino no 2º Encontro de Dança de Salão em Pinheiro Machado-RS
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Elencar, citar, descrever minhas experiências torna-se um momento bastante complexo. A lembrança de um evento evoca outra lembrança e assim por diante. Mas mesmo passando tanto tempo, e passando por vários momentos de aprendizagem, fruição e performance em dança, acredito que minha primeira apresentação na EBAHL, quando criança, tenha sido a experiência mais marcante que me lembre.

Sempre que recordo daquele momento, independentemente de ter ou não registros fotográficos, lembro da música, do penteado que usava, do uniforme (minha primeira apresentação foi com o uniforme da escola), etc e por vezes, até me lembro de momentos da sequência de movimentos apresentada, mais precisamente o *port*

*de bras*¹⁴. Lembro da minha mãe me levando até a escola, pois a apresentação era no auditório. São detalhes que fizeram daquela experiência um momento realmente mágico. E toda essa verdadeira “aura”, tento representar através da Figura 32.



Figura 32 - Fotografia da minha 1ª Apresentação na EBAHL
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Eleine Prado Cabrera, 1986.

Penso, desta forma, na importância deste tipo de experiência para os estudantes de dança, nos diversos gêneros. Minha experiência em docência me fez observar que, a apresentação, não seria (ou, pelo menos, não deveria ser) o momento mais importante. Ao observar meus alunos, percebi que todas as experiências, sejam elas de palco ou não, ou seja, todo o processo, se faz necessário. Porém esse momento, o da primeira apresentação, se torna um marco para aqueles que tornam a dança uma escolha para a vida.

Assim como para mim essa experiência da performance fez diferença, percebi na fala de Vanessa de Oliveira, ao entrevistá-la, que essas experiências de palco são enriquecedoras no processo de aprendizagem dos estudantes. Segundo ela:

tem vários momentos assim, né. Ahm... tá, quando a gente tá crescendo ali no meio da dança, o momento do primeiro solo. É um impacto assim, né. E... eu lembro que... esse inclusive foi um dos momentos que eu senti aquele

¹⁴ Port de bras – nome dado às combinações de movimentos de braços no Ballet Clássico.

estalinho que eu digo que o aluno tem que ter pra deslanchar. (Informação Verbal)¹⁵

Alguns momentos, ligados às primeiras experiências no palco, vêm à tona ao recordar essas passagens, alguns, no mínimo, curiosos e até mesmo engraçados. Na Figura 33, uma fotografia de um dos trechos do meu diário usado como suporte para essa escrita, cito um fato bastante curioso e ligado à cultura da época. Trago à minha escrita por pensar ser este, um daqueles detalhes que, para mim, são marcantes.

Naquele tempo o “gel para cabelo” era uma novidade. Se tratava de um gel denominado “brilho molhado” que, para nós da dança, seria para a fixação dos penteados mas que, na verdade, servia apenas para modelar e deixar o cabelo com aspecto de molhado (o que era moda nos anos 1980). Ele possuía versões com e sem glitter. Para fazer de fato a fixação, precisávamos usar um outro produto chamado Gumex. Um pó que, misturado em água, tornava-se uma espécie de gel que ao secar, endurecia os cabelos. Acabei relatando aqui pois a lembrança que tenho é das professoras nos dizerem que o gel, com o tal glitter, não combinava com o Ballet Clássico. Apesar de ainda achar que não combina, vivo me deparando, a cada apresentação, com o pedido de várias estudantes para usar o tal brilho. São momentos em que a avaliação do que é realmente relevante às propostas, se faz necessária.

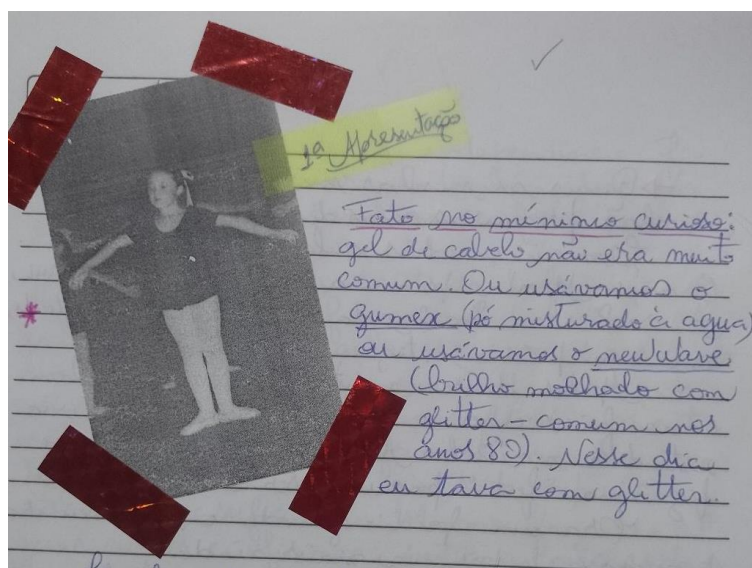


Figura 33 - Fotografia de um trecho do meu diário
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

¹⁵ Informação fornecida por Vanessa de Oliveira em entrevista para este trabalho, em Rio Grande, em outubro de 2021.

Até o meu retorno à EBAHL, agora como professora, já haviam se passado muitos anos. Recebi um convite da diretora Beatriz Batezat, que conhecia parte da minha trajetória dentro do mundo da dança e teve contato comigo na época em que fui aluna (na época do gel com brilho). Um convite que foi repetido algumas vezes, sempre que nos encontrávamos em eventos da escola e das secretarias de Educação e Cultura. Na época, entre 2013 e 2014, eu estava emprestada à Secretaria de Cultura. Em 2015, quando ingressei no curso de Dança da UFPel, foi o momento em que pensei ser o certo para aceitar o convite.

O prédio da escola já não era o mesmo. A escadaria, os corredores, a casinha de madeira... o ambiente não era o mesmo. A escola se encontrava em um novo endereço, mas a aura continuava a mesma. Os corredores respiravam arte e história, como no antigo endereço, pois se tratava de outro prédio histórico. Entrei naquele novo/velho prédio como se estivesse entrando no antigo, que apresento através da Figura 34.



Figura 34 - Fotografia da fachada do antigo prédio da EBAHL
Fonte: Café Rio Grande, 2010.

Notei que parte do encantamento de criança continuava o mesmo. Recordei os corredores nos quais eu andava, bem alegre, com minha malha azul marinho com saiote costurado (uniforme da escola na época) e a minha bolsinha da sapatilha.

Ao recordar revisitar minhas memórias e refletir sobre esse momento tão significativo em minha trajetória, percebi que aquela menina de malha marinho com saiote costurado ainda continuava aqui dentro, com o mesmo encantamento de criança pela dança e por aquele ambiente...

4 MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA-ARTISTA NA EBAHL

Início o presente capítulo rememorando experiências da minha trajetória enquanto professora-artista na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, na cidade de Rio Grande-RS, de modo a refletir e problematizar aspectos formativos que se atravessam com minha graduação de licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pelotas.

Tomo como disparadores deste capítulo alguns questionamentos que desenvolvi no percurso de produção do presente trabalho de conclusão de curso na produção do meu Diário de Memórias e que são indagações que me acompanham e me motivam a produzir esta autoetnografia.

Como instrumento de apoio e registro de minhas memórias, comecei a escrever o Diário que apresento na Figura 35. Percebi que ele não seria apenas um ato de “registro” de minhas memórias em dança, ele iria além. Este Diário assumiu, assim, o papel de um pequeno baú de recordações, onde guardo lembranças dos momentos mais especiais e onde posso refletir sobre esses momentos.

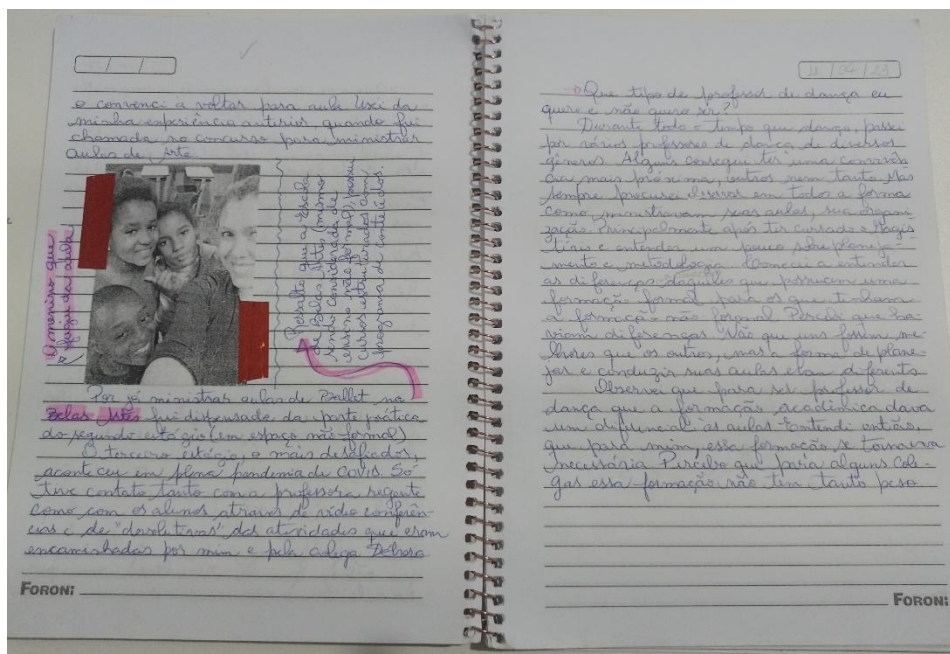


Figura 35 - Fotografia das páginas do meu Diário de Memórias
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A cada memória revisitada, a cada história lembrada, a cada experiência recordada, uma série de sentimentos aflorava e ainda se faz vivo. Esta é a minha trajetória. São acontecimentos que primeiramente me formaram enquanto bailarina,

enquanto professora e enquanto pessoa. Porém, entendo que, não sou fragmentada e que tudo acaba se fundindo para minha formação acadêmica e para o meu trabalho no espaço da escola.

Percebo a importância de minhas experiências e, por vezes, percebo como elas se cruzam assumindo novos significados, uma vez que no presente momento não atuo apenas como docente em dança, mas ainda como bailarina, coreógrafa, produtora... artista.

Ao escrever sobre minhas memórias, crio a minha verdade. Minha observação dos fatos, por vezes crítica e por vezes mais romantizada, criando nuances sobre os fatos visitados que, muitas vezes, só terão uma carga emocional para mim. Criam recortes, reflexões e observações sobre o meu percurso.

Escrevendo e recordando, ou recordando e escrevendo, exercito também a auto-escuta, dou novos significados a situações que, antes, por vezes, passavam despercebidas.

Na ânsia de registrar ao máximo tudo que recordo, não escrevo linearmente os acontecimentos, mas tento ao máximo registrar o que seja significativo e que me impulse à reflexões. Até mesmo porque não conseguiria, aqui, dar conta de tanta história.

Trago então, para este capítulo, na tentativa de, além de recordar, refletir sobre certos aspectos ligados a minha história, algumas questões disparadoras de meu diário:

- O que me trouxe à dança?
- Quais minhas memórias sobre as minhas primeiras aulas de dança?
- Quando e porque decidi ser professora de Dança?
- Como vim parar na licenciatura em Dança na UFPel?
- Quais as experiências mais marcantes que eu tive em minha formação em dança na universidade?
- Como ser professora de dança e artista de dança ao mesmo tempo?
- Quais as minhas memórias marcantes nas experiências de estágio, no curso de dança?
- Como é, para mim, ser professor de dança na EBAHL?

Apesar de ser muito jovem, lembro bem como foi receber a notícia de que eu iria estudar no Belas Artes. Eu era criança e por esse motivo fiz uma verdadeira “festa” pelo fato de me tornar a partir dali, uma bailarina.

No antigo prédio, minhas aulas aconteciam na “casinha de madeira”. Uma casa pré-fabricada montada no pátio. Com barras para o “nosso tamanho” e espelhos (que particularmente, eu adorava ficar me observando). Lembro da minha professora, minha primeira professora, a tia “Vivi”. Quando paro para lembrar daquele tempo, ainda escuto ela falando: “Encaixa o bumbum!”. E me deparo com o fato de que na verdade, eu nem sabia o que aquela expressão significava, mesmo assim só o fato de ela me falar aquilo era um momento esperado durante as aulas.

Outro momento também esperado, ao transitar pelo prédio, era esperar a tia Vivi descendo as escadas. Os pés sempre *en dehors*¹⁶ em *1ª posição*¹⁷, cabelos escuros, abrigo da escola... Vejo através dessa memória, a referência que os professores se tornam para os estudantes. E no depoimento de Beatriz Batezat Duarte também pude perceber essa referência:

A minha primeira professora lá na escola foi a Sandra Gonçalves. Na verdade, assim, o Ballet, Ballet mesmo, eu nunca tinha feito na vida. A gente dançava. Eu estudei no Joana d'Arc, lá, então, a gente fazia de tudo um pouco nas artes. A gente fazia teatro, a gente cantava, a gente dançava, mas aí eu quis aprender Ballet. Veio uma pessoa de Porto Alegre, né. Bom, comigo até entraram várias colegas, mas a Sandra era muito rígida. (risos) Então, as pessoas, às vezes não conseguiam ficar muito tempo, mas eu fui até ela sair. [...] Com toda a rigidez, eu me dou com a professora até hoje. Quando ela vem a Rio Grande, ela fica na minha casa. Quer dizer, que a gente tem uma ligação, vamos dizer de anos, não é 50 anos, mais. E eu sempre gostei muito, acho que ela me passou essa disciplina, essa rigidez. (informação verbal)¹⁸

A EBAHL sempre teve a tradição dos Exercícios Práticos (apresentações mais simples, geralmente com o uniforme usado em aula). Minha primeira apresentação, como já apresentei alguns detalhes anteriormente, foi em uma dessas práticas, no auditório do antigo prédio. Por já ter mencionado que foi bastante emblemático, trago um outro ângulo dessa experiência através da Figura 36. Comento e trago novamente uma imagem sobre esse dia, para reforçar o quanto esse tipo de experiência é

¹⁶ Em *dehors* – termo francês que significa “para fora”.

¹⁷ *1ª Posição* – posição em que os pés estão no chão, apontados para fora com os calcanhares se encontrando.

¹⁸ Informação fornecida por Vanessa de Oliveira em entrevista para este trabalho, em Rio Grande, em outubro de 2021.

significativa na construção de um bailarino e que a preparação para a performance é tão importante quanto o resultado final.



Figura 36 - Fotografia detalhe da minha 1ª Apresentação na EBAHL
Fonte: Maria Eleine Prado Cabrera, 1986.

Lembro de minha mãe me levar até a porta da escola e com isso ressaltar a importância do apoio da família e da sociedade em um todo. Pois a maioria dos indivíduos que escolhe esse caminho, o da Arte, e aqui me refiro mais especificamente da Dança, não recebe esse apoio. A Arte não é algo visto como lucrativo, principalmente a Dança. É encarado apenas como um meio de distração, de passatempo, principalmente para crianças. Para que possamos nos estabelecer nela, ou em qualquer outra manifestação artística, precisamos sempre justificar essa escolha. E esse tipo de posicionamento percebo, muitas vezes, não ser tão evidente em outras áreas.

Ainda retomando as lembranças do antigo prédio, lembro dos ensaios na sala de madeira, para o Espetáculo de Fim de Ano, que vêm à lembrança através de detalhes muito sutis, desde detalhes do figurino à detalhes do cenário. No ano em que cursei Ballet na EBAHL, 1986, representei uma centopeia no espetáculo “A Floresta

Encantada do Chapeuzinho Vermelho”. A apresentação foi no auditório da Escola Joana D’Arc (o Teatro Municipal encontrava-se fechado ao público e o auditório da escola era pequeno para comportar a apresentação). Daquele momento, não tenho registros fotográficos, pois era bem difícil a aquisição dos mesmos. Eram fotografias analógicas em papel, o que, na época, era bem oneroso, mas guardo com carinho o programa, como já apresentei aqui.

Por vezes me pego pensando o que realmente me trouxe aqui, ou seja, à dança. E a cada vez que penso sobre o assunto, diversos fatos me vem à cabeça. Mas o que definir como motivo? Por onde começar? Pela formação informal? Ou pela acadêmica?

Se eu pensar em termos de curso superior, terei que voltar no tempo alguns anos (longos anos, para falar a verdade...). Sempre fui ligada à dança, desde criança, de uma forma ou de outra, fosse pelo Ballet Clássico, fosse pelas danças folclóricas, fosse pela docência ainda de forma amadora... Porém, não haviam cursos de formação na região. Ou te tornavas bailarino em alguma escola/academia e por consequência professor devido à necessidade desses espaços por profissionais na área, ou saías da cidade e ganhavas o mundo, indo fazer cursos e sendo bailarino (ou tentando ser) nas capitais e cidades dos grandes centros. Tanto o bailarino quanto o professor, eram forjados sem a chamada formação formal ou acadêmica.

Ferreira (2016, p. 14) observa que

Os artistas da dança, frequentemente, fazem alguns percursos de seus estudos através do ensino não-formal, muitas das vezes, sistematizados de forma muito pessoal. Trata-se de professores que foram alunos e que se tornaram professores mesmo sem uma formação formal. (FERREIRA, 2016, p.14)

Por ser mais prático e mais econômico para os meus pais (lembrando que na época eu ainda era apenas estudante sem renda própria) e por pensar ser o mais próximo à dança, por se tratar de Arte, no ano de 2000 ingressei no curso de Artes Visuais da FURG, em Rio Grande – RS. Como já visto em minha linha do tempo, continuava ligada à dança, através de minha participação em academias, grupos folclóricos ou cias de dança.

Mais tarde, então, entendi, após alguns incentivos de amigos e colegas, que deveria me dar o direito de tentar uma outra graduação, dessa vez em Dança. Confesso que minha resistência foi grande. Já estava a alguns anos formada em

Licenciatura em Artes Visuais e afastada há alguns anos da universidade. Voltar à vida acadêmica, era algo bem difícil. Além disso, fui criada em uma cultura que para praticar a dança era preciso apenas “talento” e que apenas a formação não-formal já se fazia suficiente, afinal: “Estudar dança para quê? Não dá futuro nem dinheiro!”.

O fato de se passarem, aproximadamente, 10 anos da minha primeira graduação e outros fatores como idade, independência financeira, entre outros, facilitavam o meu “ir e vir” e contribuíram para que eu ingressasse em Dança-Licenciatura na cidade de Pelotas-RS.

Ainda que não tivesse a formação docente em Dança, mas pelo fato de já ter tido experiência em alguns gêneros e ainda ser atuante em outros, fui convidada várias vezes para ministrar aulas de Ballet Clássico, Jazz, Danças Folclóricas, entre outros. Contudo, por já ser formada em Artes, sabia que só a prática e algumas experiências informais ministrando aulas não seriam o suficiente.

Mesmo fazendo alguns cursos e *workshops*, ainda como artista, sentia a necessidade de entender o processo de construção e elaboração da estrutura de uma aula de dança. Sentia que, para estar à frente de uma turma, fosse ela em uma academia ou em uma escola, precisaria mais do que o conhecimento prático em dança e o conhecimento enquanto licenciada em Artes.

Precisava das especificidades da formação docente em dança. Já havia estudado, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte (1998, p.29), que minha habilitação possibilitava o trabalho com dança nas escolas e que a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2016) reforça essa ideia, porém entendo que o trabalho com dança vai além da fruição e do “mexer o corpo” e que assim como outras áreas de conhecimento, precisamos das ferramentas específicas para cada tipo de trabalho desenvolvido. E sobre essa questão trago a observação de Marques (2012):

Historicamente, no entanto, a área de dança tem sido marcada pela falta de profissionais qualificados para ensiná-la em nosso país. Frequentemente deixada a cargo de professores com formação em Pedagogia, Educação Física ou Arte que, na maioria dos casos, não tem experiência e/ou reflexão pedagógica de dança, ela constantemente vem sendo escolarizada e descaracterizada enquanto arte. (MARQUES, 2012, p.39)

Meu ingresso na UFPel, Pelotas-RS, se deu no ano de 2015. Foi um marco em minha vida em vários sentidos. Surgiram novos conhecimentos, novas amizades,

novas expectativas e, sobretudo, novos questionamentos. E um deles foi sobre quando e porque decidi ser professora de dança.

Uma das primeiras lembranças que tenho sobre a minha “decisão” (na verdade nem sei se posso chamar assim) eu tinha por volta dos 05 anos de idade. Minha madrinha, a Professora Maria Eleine Prado Cabrera, era supervisora de estágio do curso de Magistério, no Instituto de Educação Juvenal Miller, o mesmo em que acabei cursando o Ensino Médio, antigo 2º Grau e que me formei em Magistério.

Ela, muitas vezes, me levava junto para suas visitas às estagiárias. Achava aquele mundo fascinante. Eram folhas mimeografadas, joguinhos e outros materiais pedagógicos que, ela e suas estagiárias, me deixavam brincar e manipular. Talvez (e me arrisco a dizer que tenho quase certeza) tenha sido por esse motivo que minha primeira formação tenha sido no curso de Magistério.

Nessa mesma época, eu vivia dançando dentro de casa (e em todo lugar que eu escutasse música). Certo dia, estava na frente de um “quadro do professor” de brinquedo, que havia ganho da minha madrinha, e como sempre dançando, quando alguém fez aquela perguntinha clichê: “o que você vai ser quando crescer?” E minha resposta foi espontânea: “Professora de Ballet!” Mesmo com o contato com a profissão de minha madrinha, não tinha maturidade o suficiente para entender tudo aquilo e nem para tomar uma decisão como aquela. Mas acredito que já era uma provável indicação do que eu poderia vir a ser no futuro.

Quando adulta, como já mencionei, inúmeros convites para ministrar aulas me foram feitos. As pessoas sabiam que eu fazia, ou já havia feito parte de grupos, academias ou cias de dança. Porém, não me sentia segura o suficiente. Sentia que muitas vezes me faltava didática e metodologia para assumir tal compromisso.

Ao cursar minha primeira licenciatura em Artes, já pensava em agregar em minhas aulas atividades que envolviam dança. Aliás, ao fazer o estágio do Magistério, no ano de 1998, sempre que possível, agregava a dança nas atividades desenvolvidas nos meus planejamentos. Mas, tinha consciência que precisava de mais conhecimento técnico.

Resolvi aos poucos aceitar os convites e de forma intuitiva (e tentando lembrar como meus professores de dança me passavam as técnicas de cada gênero), fui desenvolvendo minhas aulas e, aos poucos, agregando conhecimentos através das oportunidades de participação em cursos e workshops. E então, assumi o papel de

professora de dança e decidi cursar Dança-Licenciatura, consolidando assim a prática que eu já estava desenvolvendo.

Desde a criação do curso de Dança na UFPel, pessoas próximas a mim (professores, colegas de trabalho, amigos...) diziam que eu deveria voltar aos estudos acadêmicos. Mas, ficava em dúvida se voltar à vida acadêmica seria uma boa ideia. Já estava graduada e concursada, trabalhando no magistério municipal. Sei das possibilidades que se abrem, com a integração de valores de benefícios que se agregam ao salário ao prosseguirmos os estudos com especializações, mestrados e doutorados. Tanto que, no início da pandemia concluí o curso de Especialização do Ensino de Artes para poder não só agregar conhecimento à minha prática como também melhorar o valor de meu salário. Porém, no funcionalismo público municipal não há o incentivo à segunda graduação. Então isso, também se tornou uma barreira para o meu retorno.

Sabia da existência de outros cursos de Dança pelo país, mas além da distância, optar por algum deles, seria ter que abrir mão da carreira que eu havia começado no funcionalismo público.

Eu conhecia colegas do meio da dança que já haviam cursado ou estavam cursando a Licenciatura em Dança na UFPel. Relatavam-me sobre suas experiências no curso e como isso era enriquecedor para suas carreiras tanto profissional como artisticamente. Pensei que seria a tal forma que eu tanto vislumbrava para enriquecer minhas aulas. Percebi que seria um desafio ingressar no curso, mas algo que poderia, com certeza, agregar à minha carreira enquanto educadora.

Procurei, então, antes do meu ingresso no curso, acompanhar o que os colegas que já cursavam, desenvolviam. Alguns me mostraram vídeos, outros me relataram algumas experiências e, por vezes, acompanhava publicações em redes sociais de outros.

Tentei, de certa forma, refletir sobre como seria minha entrada no curso. Sabia que seria uma escolha muito importante e que implicaria em uma mudança significativa em minha carreira. Até então, atuava como professora de Arte e, naquele momento, como assessora na Secretaria de Cultura do Município. Ministras aulas de dança, ainda era algo que eu fazia de forma amadora. Cursar uma licenciatura em dança, seria assumir um novo papel. Fazer de forma consciente e embasado em conhecimento técnico o que, até então, era feito de forma empírica. Uma mudança bem grande no jeito de pensar a estrutura de uma aula de dança, da forma como

ensinar dança. Diferentemente do que eu já havia aprendido em espaços não formais de ensino de dança.

Resolvi assim, enfrentar esse novo desafio, pois, além do retorno à vida acadêmica, algo que já parecia um pouco distante, precisei lidar com o fato de trabalhar 30, 40 horas semanais e ter que dividir e fazer meu tempo “dar conta” de tudo (casa, família, amigos, vida social, vida artística...).

Estando dentro do curso de licenciatura, vivenciei experiências que foram marcos em minha formação docente. Vivi também alguns momentos que pude observar muita semelhança à minha primeira graduação, tanto por se tratar de uma licenciatura como também pelo fato de se tratar de uma linguagem de Arte.

Os primeiros trabalhos apresentados no curso, acredito que tenham sido algumas de extrema relevância, pois ainda éramos a “turma” que entrou no curso em 2015. Vários corpos, com experiências distintas em dança, e isso era o que nos enriquecia e nos fortalecia enquanto turma. O senso comum nos faz acreditar que é preciso ter um corpo ou características específicas para a dança e éramos o contraponto deste pensamento. Marques observa que:

O senso comum apresenta perguntas a serem problematizadas em contexto educacional na área de dança se desejarmos ultrapassar preconceitos e discriminações. São elas: “quem pode dançar?” Ou ainda, “quem pode dançar o quê? Essas perguntas estão diretamente relacionadas a conceitos de corpo. Frequentemente ignoramos a multiplicidade de corpos em nossa sociedade que estão também presentes em nossas salas de aula. Raras vezes questionamos em nossos processos artísticos a real necessidade de corpos com determinadas características para determinadas danças, acirrando conflitos e intolerância entre gêneros de dança em nossa sociedade e que estão historicamente atrelados aos corpos que os interpretam ou deveriam interpretar. (MARQUES, 2012, p.41)

Um dos trabalhos apresentados em História da Dança apresento nas Figuras 37 e 38. Tratava-se de um painel dançado, onde interpretávamos algumas personalidades da Dança.



Figura 37 - Fotografia de momento de descontração da turma de 2015
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora



Figura 38 - Fotografia após apresentação de trabalho em História da Dança
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Acredito que um dos momentos mais marcantes, dentro da minha trajetória acadêmica, tenha sido minha Montagem de Espetáculo. Já havia passado por experiências parecidas e também havia participado de montagens de alguns colegas,

mas estar à frente de todo o processo foi algo realmente desafiador. Foi a oportunidade de passar por todas as etapas de uma montagem como: coreógrafa, figurinista, cenógrafa... entre outros.

Morando em Rio Grande, precisei montar as coreografias com bailarinos da minha cidade. Eram ensaios em garagens, pátios e salas de academia de colegas da dança de Rio Grande. Um desses lugares foi o Espaço de Dança Raquel Pereira e outro foi a Academia Ensaio... Eram domingos, feriados ou qualquer momento que pudessemos nos reunir. E para formar minha equipe pude contar com alguns colegas da turma e até mesmo do meu serviço. Na Figura 39, apresento o elenco da minha montagem, o Espetáculo “[COM]Fusão” com orientação da Prof^a. Dr^a. Carmen Anita Hoffmann. Um trabalho de fusão da Bellydance com vários ritmos e danças brasileiras, como a ciranda e a catira. O elenco contava com Milene Frias, Gabi Rocha, Lucia Oliveira, Douglas Ribeiro, Nelissa Dziekaniak, Bianca Morais, Rafaela Peixoto e Isabeli Marin. Todos eles amigos e colegas que a dança me presenteou.



Figura 39 - Fotografia do Elenco do Espetáculo [COM]Fusão
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na Figura 40, apresento o cartaz do Espetáculo “[COM]Fusão”. A arte foi feita pelo meu amigo Leo Medeiros que, além da arte, produziu também as camisetas. Foi um trabalho à distância pois ele mora em Florianópolis-SC. Fui orientada à produzir fotos com o elenco devidamente caracterizado com os figurinos para compor o cartaz. Porém, tratava-se de uma missão bem difícil devido à trabalho, estudos, etc. Não só meus, mas também, de todo o elenco. Tio Leo, como ele gosta de ser chamado, teve

toda paciência para me escutar e criar uma imagem que atendesse às minhas expectativas, tendo em vista que se tratava de um trabalho de arte e que envolve a plasticidade, o visual.



Figura 40 - Cartaz virtual do Espetáculo [COM]Fusão
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na Figura 41, apresento parte da equipe que trabalhou nos bastidores da minha Montagem de Espetáculo. Foram de grande ajuda, pois já haviam passado pela experiência de montagem e puderam me ajudar dando suporte técnico e emocional.

Além de colegas de aula, foram novas amigas que a dança me trouxe. Da esquerda para a direita: Cíntia Mendes, Carol Portela e Keity Lemke. Além delas, pude contar com outro colega de curso o Renan Brião e colegas de trabalho que foram em meu auxílio como Tatiana Klinger e Ana Paula Tubino.



Figura 41 - Fotografia de parte da equipe de apoio do Espetáculo [COM]Fusão
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nessa altura, lembrando que falo do ano de 2019, eu já estava desde 2015 na escola e já havia passado por experiências de produção parecidas na EBAHL. Na escola, ajudava nas etapas dos espetáculos mas não era a responsável principal por eles.

Já em minha montagem, precisei me responsabilizar por todas as etapas. Porém, esse ano, coincidiu com o ano que precisei, logo depois do [COM]Fusão, assumir a direção do espetáculo de fim de ano. Foi bastante prazeroso mesmo que muito trabalhoso.

Além disso, o fato de ser avaliada por pessoas importantes em minha trajetória teve um grande peso. A banca de avaliação de minha montagem foi composta pela servidora técnica Cátia Fernandes de Carvalho, que também foi minha colega nos tempos de Ars Flamma, na Escola Juvenal Miller e por meu parceiro, de alguns anos, de dança de salão e, naquele momento professor do curso, Robson Porto.

Também considero como experiências bastante marcantes durante o curso o primeiro e o último estágio. O primeiro pela dificuldade de aceitação da turma à chegada de uma professora que não conheciam com uma proposta que não estavam acostumados e o último por ter sido em época de pandemia e ter sido feito de forma totalmente *on line*.

Ao recordar o primeiro estágio, Estágio Supervisionado em Dança I, no Colégio Félix da Cunha, em Pelotas-RS, a primeira memória que me vem à cabeça foi o dia em que a professora Andrisa Kemel Zanella (responsável pela avaliação daquele estágio) visitou minha aula.

A turma com a qual eu estava trabalhando, era uma turma bastante agitada. Confesso que, nas primeiras aulas, até agitada demais, pois não estavam acostumados com o trabalho em dança nas aulas de Artes. Fora isso, não me conheciam. Eu era uma pessoa estranha, propondo algo distante da realidade deles. Porém, quando nos conhecemos melhor, pude mostrar-lhes minha proposta para as aulas e pude explicar o que iria acontecer e, a partir dali, o trabalho acabou acontecendo de forma mais fluída. Na Figura 42, tento apresentar o que considero um desses momentos de fluidez do trabalho com a turma.

A intenção era que eles saíssem um pouco daquelas atividades que estavam acostumados e que pudessem, através da dança, desenvolver um pouco de sua criatividade. Strazzacappa (2001, p. 69) afirma que “a dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas”.



Figura 42 - Fotografia com parte da turma em que estagiei no Colégio Félix da Cunha
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Neste dia da visita, eu havia planejado uma aula que começava na sala de aula, iria para a sala de vídeo e depois continuava no pátio. Apesar de procurar sempre diversificar a aula levando a turma a lugares diferentes dentro do ambiente escolar, para que entendessem que as atividades propostas poderiam ir além da sala de aula, não havia feito ainda uma aula que passava por mais de um espaço. A princípio, estavam muito atrelados à aula convencional (dentro da sala) e quando se falava em dança pensavam nas danças das festas escolares. O projeto que propus, baseava-se na “dança-criativa” e nas palavras de Marques:

as propostas da “dança crativa” centram-se em si mesmas, no corpo e no movimento de cada um, nas sensações e nos sentimentos pessoais de cada indivíduo. As relações que se estabelecem com o mundo social ocorrem em função deste indivíduo dançarino, sem perspectivas de inseri-lo criticamente no mundo social. (MARQUES, 2012, p.160)

Eu já havia estabelecido uma relação amigável e de uma certa confiança com a turma, mas havia um menino, que era um dos alunos mais difíceis de se conectar à aula. Ele era um pouco avesso às regras e acordos, mas, aos poucos, após alguma convivência, consegui estabelecer com ele uma relação de respeito e confiança. No dia em questão, ele chegou atrasado, indo direto para a sala de vídeo. Chegou bastante agitado e desconfortável pelo fato de ter alguém estranho observando, mesmo já tendo explicado sobre a visita.

Ao irmos para o pátio, ele se dispersou do grupo. Os meninos de outra turma estavam jogando futebol e o chamaram. Respirei fundo... e fui falar com ele. Lembrei ele que já havíamos conversado sobre aquela visita e o quanto ela era importante para mim. Então, ele me pediu desculpas e voltou para as nossas atividades. Depois, a professora Andrisa me relatou ter pensado que ele não voltaria mais para a aula. Eu expliquei a ela que havia o chamado e conversado sobre a importância daquele momento. Naquele dia pensei na minha experiência quanto professora de Artes e quanto precisei estabelecer relações e diálogos com meus alunos para que eu pudesse desenvolver as atividades.

Pude, através do ocorrido, perceber também, a diferença entre meu trabalho na escola de ensino formal e na EBAHL. Por trabalhar com uma técnica mais “engessada”, baseada em uma metodologia conhecida e que, em geral, os alunos estão por escolha própria, não enfrento com frequência, ou quase nunca, atitudes parecidas como as daquele menino.

Mesmo tentando diversificar as atividades, percebi que o meio e as referências que os estudantes trazem são de extrema importância para o desenvolvimento das minhas propostas e independente do local onde se encontram (escola formal ou não), ainda assim, são crianças. Confesso que o nome dele eu acabei esquecendo. Mas por ter falado nele em e suas atitudes, na Figura 43, trago mais uma fotografia onde ele aparece melhor. Estava sempre ao meu lado e guardarei essa lembrança com muito carinho.



Figura 43 - Fotografia com alguns alunos da turma em que estagiei no Colégio Félix da Cunha
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O último estágio, Estágio Supervisionado em Dança III - Séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, considerei como o mais desafiador. Ele foi realizado com os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Osvaldo Cruz, de forma totalmente virtual. Pensar em dança, algo que inúmeras vezes requer o contato com o próximo, era algo distante para mim. Já havia feito alguns cursos ditos à distância, mas era novo e sempre pensado como uma alternativa, não como a única possibilidade.

Ao longo do processo, foi preciso me inventar e reinventar, passando muitas vezes por momentos de frustração. Enviar virtualmente uma atividade e ficar na expectativa de receber uma devolutiva tornava o processo impessoal e distante já que nem todas as aulas ocorriam de forma *on line*. O material era elabora por mim e pela minha colega de estágio Débora Mendes e supervisionado pela professora regente da disciplina Tauana Oxley Pereira.

Na Figura 44, apresento o print da tela do computador que considero uma das imagens mais marcantes desse Estágio. Ela aconteceu no dia que iríamos, eu e minha colega de estágio, observar a aula. Na imagem, estou do lado da professora regente, algo apenas proporcionado pelos recursos tecnológicos, já que eu estava na cidade de Rio Grande e ela e os alunos na cidade de Pelotas.

Outro fato interessante da imagem é que muitos alunos não ligavam as câmeras dos computadores ou celulares. Muitos dos alunos nunca chegamos a conhecer, e, além desse fato, também nunca enviaram as atividades propostas para serem feitas através de vídeo.

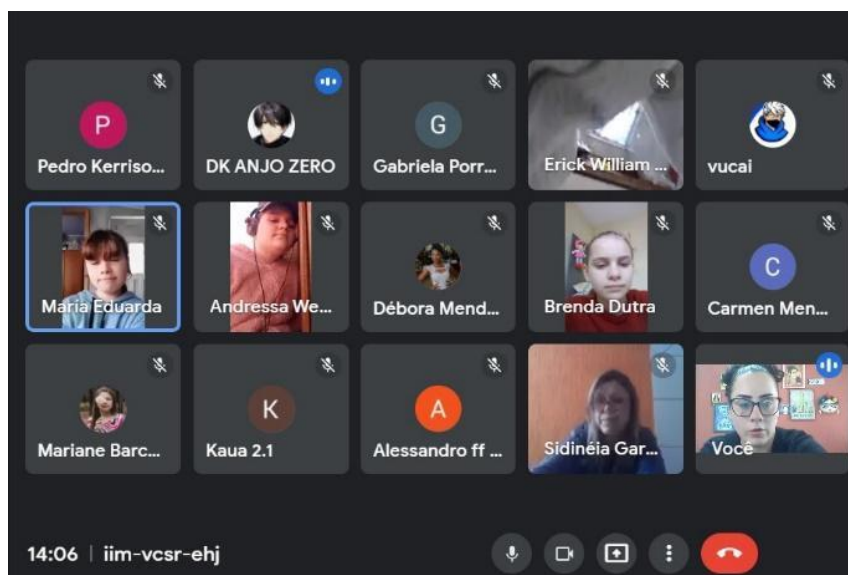


Figura 44 - Print da tela da aula on line da turma que estagiei na EMEF Osvaldo Cruz
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tratava-se, naquele momento, de aulas assíncronas planejadas por mim e pela colega Débora Mendes, através das redes sociais:

As aulas foram planejadas de acordo com o que os alunos haviam relatado no primeiro formulário que enviamos a eles. Eu estruturava algumas atividades e trocava algumas ideias com a colega Débora, após partíamos para a confecção do plano e dos materiais (Google Forms, Material Impresso, etc.) levando em consideração as observações das aulas anteriores. (GARCIA; MENDES, 2021, p.23)

Até mesmo o primeiro contato com a professora regente e os encontros seguintes, foram feitos de forma virtual. Uma situação no mínimo inusitada. Fez-me pensar e refletir, e principalmente começar a ter contato com as metodologias ativas e as suas possibilidades. Até então, só havia ministrado aulas e estudado sobre

metodologias onde o aluno está presente. O próprio curso de pós-graduação que cursei, “Especialização em Metodologia do Ensino de Artes” (que era um curso à distância), não previa o ensino de Arte, muito menos de Dança, à distância.

Infelizmente no período pandêmico, senti-me como estando em um verdadeiro retrocesso. Era quase um “estar de castigo” ou voltar às práticas disciplinares que até hoje vem sendo praticadas em algumas instituições de ensino. Onde o movimento praticado em Dança não é visto como prática pedagógica aceitável:

O movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca. Se observarmos brevemente as atitudes disciplinares que continuam sendo utilizadas hoje em dia nas escolas, perceberemos que não nos diferenciamos muito das famosas “palmatórias” da época de nossos avós. Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto. (STRAZZACAPPA, 2001, P. 70)

Portanto, foi preciso pensar e repensar sobre o que funcionaria naquele contexto. Foi um exercício de reavaliar as minhas práticas e fazer com que a metodologia usada se tornasse um processo mais adequado para aquele momento e que realmente funcionasse.

De acordo com Corrêa,

(...) funcionar tem relação com “exercer a sua função”, algo que se volta aos objetivos de uma aula de dança. Portanto é preciso dar atenção à existência de uma infinidade de propostas, contextos e objetivos para com a dança. Para cada objetivo pessoal (seja por parte da professora ou do(a) estudante) poderá haver um ou mais tipos de dança, envolvendo certas metodologias que poderão ou não sofrer transformações, sendo apropriadas para alguns contextos e para outros nem tanto. (CORRÊA, 2021, p.84)

As discussões à cerca de Metodologias Ativas se tornaram cada vez mais significativas pois, naquele momento, o protagonismo dos estudantes se tornou cada vez mais necessário. Era preciso dar as ferramentas para que eles construíssem o seu conhecimento: “Assumir a necessidade de estratégias metodológicas que garantam o desenvolvimento do potencial cognitivo de cada aluno é uma condição para assegurarmos a participação efetiva do mesmo na sociedade. (BASICH; MORAN, 2020, p.90)

Naquele momento, deparei-me com algo bem diferente da minha realidade, tanto no estágio como em meu trabalho na EBAHL. Como ensinar dança à distância? Acabei por compartilhar das mesmas dúvidas e anseios de vários profissionais que, assim como eu, nunca haviam trabalhado com ensino à distância ou até mesmo já tinham o contato porém em uma perspectiva diferente, em um período sem pandemia.

Segundo Sanches Neto:

Nossas reflexões nos levaram a acreditar que seria mesmo complicado ensinar-aprender dança a distância apesar de toda tecnologia ao nosso alcance. A experiência do ensino-aprendizagem da dança, além do contato físico entre os sujeitos, requer também um espaço adequado para atender às diferentes configurações da dança [...] (SANCHES NETO, 2020, p.114)

Para Corrêa:

[...] é necessário entender que quem apresenta condições para definir o que funciona ou não nas aulas de dança na escola são as pessoas envolvidas na prática em questão. Professoras e estudantes podem apontar-nos o que, na aula de dança, “dá certo” nos seus contextos. (CORRÊA, 2020, p.86)



Figura 45 - Fotografia de gravação de exercício para edição de vídeo
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na EBAHL, também precisei enfrentar os desafios desse período. Na Figura 45, apresento um dos momentos de gravação das minhas aulas. Eu gravava os exercícios sozinha, na sala vazia e editava as minhas vídeo-aulas. As mesmas eram enviadas semanalmente para os estudantes. No princípio me sentia meio perdida, tentando achar formas de gravar os vídeos e para a melhor compreensão para eles do que eu estava propondo. No momento dessa fotografia, meu celular estava fixado no espelho da sala de aula.

Depois de um certo tempo e por exigência da SMED (Secretaria de Município da Educação), todos os professores precisaram se adequar e fazer teleconferências com os alunos, fazendo assim, aulas *on line*. Foi uma das piores experiências da minha vida. Precisei dar aulas a partir da minha própria casa, na minha garagem, um lugar sem janelas e abafado, por ser o lugar com mais espaço que tinha em casa.

Muitos estudantes não conseguiram acompanhar as aulas. Alguns por não se sentirem bem com toda a situação e outros por não terem espaço adequado. Lembro de ver, pelo vídeo alguns apoiados em refrigeradores na cozinha, outros no guarda-roupas do quarto, etc.

Ainda nesse período de pandemia e dentro do ensino à distância, no ano de 2021 pude cursar a disciplina de Corpo, Dança e ARTecnologias, com a Professora Rebeca da Cunha Recuero. Recordo que para a conclusão da disciplina, era preciso que organizássemos e produzíssemos uma vídeo-dança.

O vídeo que apresentei trata da releitura da coreografia “Cristalina”¹⁹, do ano de 2019. A adaptação para vídeo partiu da ideia de um registro da coreografia e ao mesmo tempo um novo olhar sobre a mesma, dando enfoque ao momento que estava vivendo e trazendo a valorização do local onde a coreografia foi criada e apresentada pela primeira vez.

Através da Figura 46, que foi a imagem que montei para a divulgação do trabalho, mostro alguns fragmentos de momentos que filmei para a montagem do vídeo. Precisei filmar cada um dos sujeitos que aparece no vídeo, em um dia da semana e em lugares diferentes do prédio. Alguns outros funcionários também trabalhavam nesse período de forma escalonada e caso nos encontrássemos dentro da escola poderia configurar aglomeração. Além disso, tínhamos que tomar todos os

¹⁹ A vídeo-dança “Cristalina” pode ser encontrada em: <https://youtu.be/l7Um5IHSifQ>

cuidados de higienização conforme as exigências dos protocolos da mantenedora naquele momento.

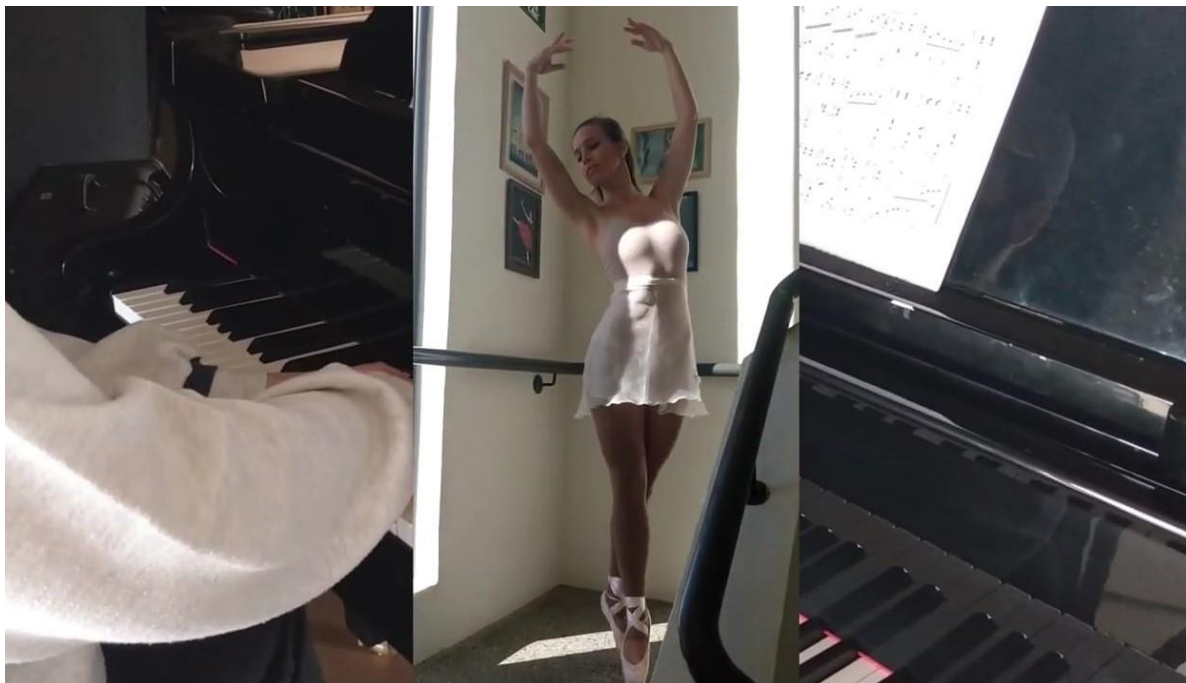


Figura 46 - Fotografia de divulgação da vídeo-dança "Cristalina"
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Além da participação das bailarinas, foi acrescentada a participação do pianista Tomás Storino (professor da escola e que durante muitos anos foi aluno da mesma), fazendo com que a música se tornasse tão viva como a dança nos diversos ambientes da escola.

Selecionei com as bailarinas que se dispuseram a comparecer (originalmente 05 foram convidadas e apenas 02 puderam comparecer), trechos da coreografia original. As bailarinas foram Ana Paula Tubino e Carolina Davesac. Quanto à música, deixei o pianista bastante à vontade para tocar o que ele se sentisse confortável.

Após enfrentar longos meses ministrando aulas e atendendo os alunos virtualmente, foi hora de retornar. A Figura 47, fotografia de uma aula presencial durante aquele período, traduz bem os novos desafios que precisei enfrentar.



Figura 47 - Fotografia de aula presencial durante à Pandemia de COVID
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Todos nós precisávamos tomar uma série de cuidados, desde a higienização da sala até o uso de máscaras. Além disso, muitos estudantes não voltaram mais às aulas. Turmas que antes estavam cheias, com cerca de 15 a 25 estudantes (dependendo da sala), agora contavam com 02, 03... ou, em alguns casos, nenhum. Ainda, alguns, optaram por ficar em aulas remotas, onde os professores precisavam enviar atividades para que pudessem estudar em casa sozinhos.

Esse período foi um momento em que meu lado artista, se resumiu apenas a elaboração daquela vídeo-dança, enquanto meu lado professora, precisou se reinventar, aprendendo a trabalhar com ferramentas das novas tecnologias.

Ser professora e artista de dança, ao mesmo tempo, considero ser uma tarefa bastante complexa. Ao mesmo tempo que preciso pensar em minhas aulas, na preparação, nos materiais, na metodologia e etc; preciso observar fatores que me mantêm ativa enquanto artista; preciso “alimentar” o que move minhas ações em ambos os campos de atuação.

Além das formações para os professores proporcionadas pela escola, procuro formação externa como pós-graduação, observação de aulas de outros profissionais na área e cursos variados. E ainda para me manter ativa enquanto artista, faço aulas

de Ballet com minhas colegas de escola, estudo *Bellydance* e Danças de Salão, faço workshops de dança, participo de eventos diversos e sempre que possível performo.

Procuro, também, assistir e estar em contato com trabalhos desenvolvidos, tanto dos gêneros que mais tenho contato, quanto com aqueles que não são objeto de meus estudos. Entendo que não deva existir o distanciamento das duas práticas: enquanto docente e enquanto artista.

E quando o professor tem uma prática artística, tem a sua investigação, há clareza em proporcionar essas possibilidades aos seus estudantes; ele compreende, então, a necessidade dessa relação que possibilita o desenvolvimento de uma poiesis, de um impulso de trabalhar com continuidade. O verdadeiro mestre é aquele que facilita ao discípulo perceber o desenvolvimento de seu projeto. (VALIM, 2016, p.21)

Estou mergulhada em um espaço cultural que respira arte. Um lugar que, diferente do espaço formal de ensino, proporciona outros tipos de trocas entre os sujeitos ativos. E que, mesmo com cursos distintos, procura não fragmentar a construção de conhecimento. Para entender um pouco sobre essa fragmentação, observo as palavras de Valim:

Quando se pensa no ensino de arte no espaço escolar, leva-se em conta o tempo, que é o tempo da instituição e não o da criança ou do jovem; este mesmo tempo institucional compartimenta o saber ao longo do dia em caixinhas de 50 minutos. O espaço é seriado, sendo as relações 'válidas' apenas entre a mesma faixa etária. Em contrapartida quando nos debruçamos sobre a instituição da cultura, os espaços permitem e possibilitam agrupamentos que não os da 'série' e convidam para descobertas dentro do atelier que promove um tempo não 'extrínscico' mas o de quem está dentro do processo justamente da construção do saber – e que nada se mostra fragmentado. (VALIM, 2016, p.14)

Na Figura 48, trago uma imagem que considero bem emblemática e que para mim traduz o fato de estar em um espaço cultural. Nela estou com algumas alunas do nível Baby Class que estavam esperando para sua apresentação, naquele dia, em um Exercício Prático no auditório da escola. Passei pela escada e elas me chamaram: “tia, senta aqui com a gente um pouquinho.” Na mesma hora perguntei o que faziam ali. Elas prontamente responderam: “é legal ficar aqui!”



Figura 48 - Fotografia de um momento como professora
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Já na Figura 49, represento meu lado artista, não sei bem certo o ano, mas foi em uma feira que acontecia anualmente no município a FEARG. Nela, além dos negócios que a feira promovia pelo comércio, tínhamos a oportunidade de entrar em contato com várias vertentes das Artes. Poderia, ter escolhido outra imagem, porque são diversas e até mesmo de outro momento. Mas escolhi essa, pela plasticidade da imagem:



Figura 49 - Fotografia de um momento artístico
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Não sou fragmentada, sou professora e sou artista. E meu lado professora de Artes Visuais por vezes se cruza com meu lado artista, tanto em dança como em artes plásticas e com meu lado professora de Dança também. Sou o produto de toda minha experiência e acredito que é isso que me constitui enquanto uma professora-artista. Acredito que estar ativa é o que me impulsiona a continuar, sem desistir. Permito-me experienciar e pesquisar sobre o que faço e me levo a refletir sobre toda essa minha vivência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tentei, de forma resumida, traçar o caminho pelo qual eu me tornei professora e busquei a formação para essa atuação. A ideia inicial ao fazer meu projeto em 2019, não apresentava relação direta com minha trajetória, seria um estudo sobre a dança, porém com cunho mais histórico e voltado para a história da EBAHL.

Acabei me desmotivando por conta da pandemia e quase desisti de concluir o curso. Não via mais com o mesmo interesse o assunto que antes havia me despertado alguns questionamentos. Porém, retornei com a intenção de concluir o curso e ao ter que continuar o trabalho, em que já havia começado as pesquisas, agora com outro orientador, uma vez que minha orientadora anterior encontrava-se em afastamento de qualificação em Pós-Doutorado. Em nossas primeiras conversas, decidimos por redimensionar o enfoque e trazer para mais perto de mim o que parecia relativamente distante. Percebi que também era sujeito daquela história e que poderia sim contar parte dela através da minha própria história.

Separando alguns materiais, documentos e principalmente fotografias, percebi que em alguns períodos, apesar de estar sempre ligada à dança, não haviam registros. Comecei a pensar e tentar lembrar o motivo pelo qual isso havia acontecido.

Na época, os registros ainda eram feitos de forma analógica. E ter as fotos “reveladas” era algo caro e nem sempre era possível adquirir. Em minha família, quem tinha a máquina fotográfica, no período da minha infância, era minha madrinha; mais tarde, meu irmão mais novo também conseguiu adquirir uma. Percebi a partir desse fato o quanto se torna importante os registros em nossa trajetória. Eles são capazes de disparar lembranças e reflexões que enriquecem nossa experiência.

Ao apresentar o tema “Dança e Docência em uma Perspectiva Autoetnográfica: Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAHL – Escola de Belas Artes Heitor de Lemos de Rio Grande – RS”, consegui perceber o quanto as minhas passagens por aquele espaço cultural e ao mesmo de ensino, tanto enquanto criança como agora enquanto adulta, se fizeram e fazem a diferença em minha prática. Não havia imaginado o quanto algumas experiências, consideradas simples ou sem relevância por nós, muitas vezes são pontos de partida para todo um repensar de nossas ações.

Como objetivo geral, pretendi refletir sobre o papel que a EBAHL, através da área da dança, exercia na minha formação artística e docente em dança, através da

recuperação de memórias. Acredito ter alcançado em parte esse objetivo. Como mencionado, sou professora, atuando em uma escola municipal que funciona também como um espaço cultural e com uma demanda grande de atividades além das atividades escolares normais.

Gostaria de ter tido tempo para me debruçar e me aprofundar mais em minhas recordações e com isso, enriquecer mais, essa experiência, o que poderá ocorrer em estudos futuros. Penso o mesmo em relação aos objetivos específicos. Dos momentos que consegui lembrar, relatar e refletir, notei a necessidade que os registros (não só fotográficos, mas também os registros escritos e tantos outros que possam ser possíveis) se fazem necessários a este tipo de estudo, pois serão esses registros transformados em instrumentos para tal pesquisa.

Tentei em minha monografia, estabelecer uma estrutura onde eu pudesse me ambientar e ambientar o leitor de forma natural, para levá-lo ao entendimento de como toda a história e experiências puderam contribuir em minha formação. Comecei com a história da cultura riograndina, passando pela história da dança pelo município, logo após a história da dança na EBAHL e por fim a minha história dançante. Observei e relatei pontos que acredito serem de relevância para as reflexões por mim apresentadas.

Ao revisitar minhas memórias, percebo a importância ímpar da EBAHL em minha trajetória. Não que outras escolas e companhias que eu tenha passado não sejam importantes, mas convém salientar que lá foi onde comecei e que foi o verdadeiro ponto de partida para todo meu percurso dançante.

Lembrar e relatar minha trajetória foi um exercício complexo. Muitas vezes me cobrava por não lembrar um nome ou não encontrar aquela fotografia que pensava ser a ideal. Ou ainda por não ter feito registro de algum momento e agora ter que contar apenas com a minha memória para lembrar de certos acontecimento.

Entendo através de minha autoetnografia que reflexões como a procura pela formação em Dança; a experiência de uma professora-artista em um meio cultural; o trabalho à distância e a metodologias ativas, onde o aluno se torna o protagonista da construção de seu conhecimento; confrontar as experiências em espaços formais e não-formais de ensino; a produção de um espetáculo mesmo sabendo que o espaço formal, a princípio não prevê essa atividade; entre outras, são possíveis de serem compreendidas e, até mesmo, ressignificadas através das experiências pelas quais passei.

O conjunto dessas experiências durante minha formação acadêmica, através de estudos nas diferentes disciplinas, fossem pedagógicas, fossem artísticas, fizeram toda diferença em minha docência. Pude colocar em prática tanto os conhecimentos obtidos em minha primeira graduação como, principalmente, os conhecimentos adquiridos durante o curso de Dança-Licenciatura. E, acredito, através de minhas recordações e reflexões, que de certa maneira, consegui evidenciar a diferença que os estudos na área proporcionam nas práticas (visto que nossa profissão, em espaços não formais, ainda não exige uma formação acadêmica para exercer a função como em outras áreas e ainda é vista, em alguns espaços formais, como distração).

Percebi também que rememorar e pensar sobre esse meu percurso “dancístico” pode evidenciar a importância das experiências embasadas em conhecimento científico e não apenas no conhecimento empírico.

Toda experiência vivida na EBAHL e toda história por mim descrita neste trabalho, vai para além da prática docente e da prática artística, mostra a importância daquele lugar na formação de estudantes e no exercício docente dos profissionais das várias áreas que lá atuam. É um lugar que, mesmo com todas as dificuldades (seja financeira ou pela falta de reconhecimento enquanto ensino formal dos órgãos competentes), mostra o quanto o indivíduo não pode ser fragmentado e o quanto a Arte faz diferença em sua formação, os tornando mais críticos e atuantes em seus meios de atuação.

Vejo essa monografia não como um fim, mas como um ponto de partida para pesquisas futuras, com possibilidade de investigações em nível de pós-graduação, pois acredito não tido a oportunidade de aprofundamento em alguns assuntos abordados e os observando, penso que teriam novos e variados desdobramentos tanto reflexivos como de registro.

Percebi, também, ao abordar esse tema, a escassez de pesquisas sobre o assunto em minha cidade. Rio Grande sempre teve a dança como um de seus eixos culturais, porém os registros são poucos. As possibilidades de fazer novas pesquisas sobre outras histórias (dentro das minhas histórias) e assim refletir sobre elas, confesso, que são de grande interesse, bem como destaco a importância desta pesquisa para minha formação docente enquanto futura licenciada em dança. Dançar e falar sobre dança, torna-se um exercício de extrema importância dentro de nossa área e para aquele que se dispõe a “dançar em suas memórias”.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias Ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática. **Revista de Formação e Prática Docente**, Terezópolis, n. 4, p. 89-91, 20108.
- BITTENCOURT, Ezio da Rocha. **Da Rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional - Panorama da história de Rio Grande**. 2. ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- _____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2ª versão, MEC/ CONSED/UNDIME NACIONAL, 2016.
- COMIRAN, Vitória. A pesquisa histórica: entre a teoria e as fontes. **Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM**, Manaus, v. 4, n. 1, p. 206-2015, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufam.edu.br>. Acesso em: 25 out. 2023.
- CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni Santos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 4, n. 3, p. 509-526, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 168-183, 2016.
- DUARTE, Beatriz Batezat. **Dança, “Poesia em Movimento”** – Sua memória, através de análise histórico-fotográfica (Rio Grande: 1940-1990). Orientadora: Profª Ursula Rosa da Silva. 1997. 115f. Monografia (Pós-graduação em Artes) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 1997.
- DUARTE, Beatriz Batezat. Beatriz Batezat Duarte: depoimento [out. 2021]. Entrevistadora: Sidinéia Milano Garcia. Rio Grande, 2021. 1 audio MP3. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de curso.
- FERREIRA, Jean Claudio Gama. **Artista-Professor de Dança: História e Formação Entrecruzadas**. 2016. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Dança) – Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2016. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/760/1/TCC_ArtistaProfessorDanca.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.
- FORTIN, Sylvie. Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a Pesquisa na Prática Artística. Tradução: Helena Maria Mello. **Cena**, Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2010.

GARCIA, Sididinéia Milano; MENDES, Débora da Silva. **RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM DANÇA III** - Séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Curso de Dança-Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 1-43.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 37, n. 2, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/17024>. Acesso em: 02 out. 2023.

NETO, Antrifo Sanches. Dança na modalidade EAD. Licenciatura em Dança na Educação à Distância: outras danças estão por vir. **VI Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança**, Salvador, p. 113- 124. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Livro-ANDA-VI-Encontro2020-Ebook-pdf-interactive.pdf>. Acesso em: 15 ago 2023.

OLIVEIRA, Vanessa Rocha de. Vanessa Rocha de Oliveira: depoimento [out. 2021]. Entrevistadora: Sidinéia Milano Garcia. Rio Grande, 2021. 1 audio MP3. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de curso.

OLIVEIRA, Vanessa Rocha de. **Memórias e Narrativas**: Protagonistas do Ballet Clássico na cidade de Rio Grande/ RS. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Saballa. 2015. 208f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Curso de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/Vanessa-TCC-OFICIAL.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ORTIGARA, Andrea Maio. *Belle Époque* no Rio Grande-RS: memória e cotidiano urbano. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 05, ed. especial, abr., 2019.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. Rio Grande: 2019.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola de Belas Artes Heitor de Lemos. Rio Grande: 2022.

PROFESSOR TORRES – HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO RS. **A inauguração do Cine Avenida**. Rio Grande, 17 de jul. 2017. Disponível em: <http://historiaehistoriografadors.blogspot.com/2017/07/a-inauguracao-do-cine-avenida.html>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SILVEIRA, Vivianne Martins. Vivianne Martins Silveira: depoimento [out. 2021]. Entrevistadora: Sidinéia Milano Garcia. Rio Grande, 2021. 1 audio MP3. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de curso.

RODRIGUES, C. S. D.; THERRIEN, J.; FALCÃO, G. M. B.; GRANGEIRO, M. F. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 966-982, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3720>. Acesso em: 02 out. 2023.

STRAZZACAPPA, Márcia. A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança na Escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, no 53, p. 69 - 83, abril/2001.

TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande**: imagens que contam a História. 2. ed. Rio Grande: Pluscom Editora, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos**. Pelotas, 2019. Revisão técnica de Aline Herbstrieth Batista, Dafne Silva de Freitas e Patrícia de Borba Pereira. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/normas-da-ufpel-para-trabalhos-academicos/>. Acesso em: 30 out. 2019.

VALIM, Natália Cabrera Flores. **Professor-Pesquisador-Artista**. Reflexões para uma prática pedagógica artística. Orientador: Prof. Dr. Agnus Valente. 2016. 76f. Dissertação de Mestrado (Profissional em Artes – Prof.-Artes). Mestre em Artes, Instituto de Artes, Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. São Paulo/SP, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144490>. Acesso em: 30 ago. 2023.

VILLAS BÔAS, Alexandre dos Santos. História. **Câmara Municipal do Rio Grande**. Rio Grande, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.leg.br/institucional/historia>. Acesso em: 02 mai. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro das Entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Curso: Dança-Licenciatura (UFPeI)

Acadêmica: Sidinéia Milano Garcia

Entrevistado(a):

Data:

Local:

1. Como foi sua chegada na escola (EBAHL)?
2. Como a experiência, no período que permaneceu na escola, influenciou em sua trajetória de vida?
3. Quais memórias marcaram sua trajetória na escola?

Obs.: Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, conforme as respostas dos entrevistados, poderão surgir novas questões.

ANEXOS

Anexo A - Lei Nº 703 de 03 de Junho de 1954.



1/1

LEI Nº 703 De 03 de junho de 1954.



"ELEVA O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA À CATEGORIA DE ESCOLA DE BELAS ARTES".

FREDERICO ERNESTO BUCHHOLZ, Prefeito Municipal de Rio Grande, usando da atribuição que me confere a *Lei Orgânica*, em seu artigo 62, inciso II, FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Artigo 1º É elevado à categoria de ESCOLA DE BELAS ARTES o Conservatório de Música do Município.

Artigo 2º É o Executivo Municipal autorizado a promover todas as medidas legais e regulamentares para o normal funcionamento desse educandário artístico em suas novas condições, no menor prazo que as circunstâncias o permitirem, prevalecendo até então as disposições vigentes.

Artigo 3º Esta Lei entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE, 3 de junho de 1954.

Anexo B – Lei Nº 3356 de 26 de Março de 1979.

1/1

LEI Nº 3356 De 26 de março de 1979.

**DÁ NOVA CATEGORIA À ESCOLA DE
BELAS ARTES "HEITOR DE LEMOS".**

ATHAYDES RODRIGUES, Presidente da Câmara Municipal do Rio Grande, usando das atribuições que lhe confere o inciso 24 do Art. 30, combinado com o parágrafo 2º do Art. 38 da *Lei Orgânica*, FAZ SABER que decreta e promulga a seguinte Lei:

Artigo 1º A Escola de Belas Artes "Heitor de Lemos" passa doravante, face à impossibilidade legal de reconhecimento, a ministrar seus cursos em Caráter-Livre.

Artigo 2º Ficam mantidas, a denominação e estrutura atuais da Escola, observando-se, porém, o prazo de seis meses para possíveis adaptações curriculares, a vigorarem a partir de 1979.

Artigo 3º A Escola de Belas Artes "Heitor de Lemos" fornecerá a seus concluintes, certificado atestatório de conclusão de curso, onde é mencionada a Categoria de CURSO LIVRE.

Artigo 4º Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Artigo 5º Revogam-se as disposições em contrário.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 26 de março de 1979.

Anexo C – Transcrição da Entrevista nº1

Entrevistado(a): Beatriz Batezat Duarte

Data: 06/10/2021

Local: Restaurante Croassonho, Rio Grande - RS

Sidinéia: Então, entrevistando a Beatriz Batezat hoje. Primeira pergunta: Como foi sua chegada na escola?

Beatriz: Bom, primeiro como aluna?

Sidinéia: Pode ser.

Beatriz: A minha primeira professora lá na escola foi a Sandra Gonçalves. Na verdade, assim, o Ballet, Ballet mesmo, eu nunca tinha feito na vida. A gente dançava. Eu estudei no Joana d'Arc, lá, então, a gente fazia de tudo um pouco nas artes. A gente fazia teatro, a gente cantava, a gente dançava, mas aí eu quis aprender Ballet. Veio uma pessoa de Porto Alegre, né. Bom, comigo até entraram várias colegas, mas a Sandra era muito rígida. (risos) Então, as pessoas, às vezes não conseguiam ficar muito tempo, mas eu fui até ela sair. Continuei sempre como uma outra aluna, claro, tinha aquele entra e sai, mas o nosso a gente já tinha até um grupo na verdade, desde aquela época a gente sempre fez as apresentações. Ainda eu até falei pro Felipe que é engraçado. Porque se tu olha as coisas antigas da escola, às vezes alguns relatórios não falam da quantidade de coisas que a gente apresentou. Eu sei porque eu tenho os programas. Então a gente dançava tudo em tudo que é lugar, às vezes até, depois para minhas alunas, eu dizia não vamos em tal lugar, porque eu já passei por essa experiência. Porque a gente dançava em coreto. A gente dançava na praça, a gente não estava onde convidavam, a gente ia. E tinha também o nosso primeiro espetáculo. Eu não lembro se foi 71 ou 72, eu entrei em 69. E agora a gente tem que dizer, né? 1960, século passado.

Sidinéia: É... pra não confundir.

Beatriz: Então, assim, a minha experiência foi muito boa. A gente tinha um grupo muito bom. Com toda a rigidez, eu me dou com a professora até hoje. Quando ela vem a Rio Grande, ela fica na minha casa. Quer dizer, que a gente tem uma ligação, vamos dizer de anos, não é 50 anos, mais. E eu sempre gostei muito, acho que ela me passou essa disciplina, essa rigidez. Aí como eu entrei para a faculdade de Educação Física, a gente também entra nessa linha. A minha faculdade era muito prática. Tinha as teorias, mas era tudo uma questão, se tu não corria 100 m em tantos

segundos, tu rodava. Se tu não fazia o rolamento, se tu não subia na trave, se tu não fazia tal coisa era assim, hoje em dia eu sei que as coisas já foram mudando não é, um pouco, mas então eu seguia essa rigidez. E aí em 79, a dona Inah me convida. Eu tinha me informado em 78 na Educação Física. Em 79, ela me convidou e eu entrei através de contrato para dar aula. Aí como eu tinha te falado né, ela convidou para eu dar ginástica estética e Ballet, principal entrou muita gente. Aí chamei uma colega minha e ela foi contratada. Ficou com a ginástica estética e eu fiquei com uma dança, com o Ballet. E a gente teve um espaço, né que não teve, não teve dança no Belas Artes na verdade. Entre a saída da Sandra e a minha entrada como professora, teve um espacinho que eu acho que ficou sem ninguém, em 76. Eu não sei se a gente ainda teve alguma aula em 76. 77, eu sei que é certo. 78 e aí eu fui dar aula em 79.

Sidinéia: Porque nos documentos, tem quase todos os anos ali. Quando da primeira pesquisa que eu fui fazer né, que era pra ver, tem quase todos os anos, tem alguma coisa.

Beatriz: Eu não lembro assim se tem alguma coisa. Em 76, a gente ainda fez uma coisa. Que foi... Eu acho que eu acho que foi 76. Eu estava na faculdade. Eu acho que 77 que não teve nada, 77/78. A gente dançou na escolha da Miss Rio Grande do Sul, que foi feita aqui em Rio Grande. Que ganhou a Duca Rios e a gente fez abertura. Nós éramos 4. Era Eu, a Eugênia, Heloísa e eu acho que era a Maria da Glória. E o Bira. A gente dançou um cabaré. E ai foi muito, me lembro, foi muito aplaudido e tal. Depois eu cheguei em Pelotas, a gurizada toda falando, porque foi naquela época, filmado para a televisão e passado. Depois vem 76. Isso aí é... foi gravado ao vivo, aquela coisa toda. E aí de 79, eu fiquei dando aula. A dona Inah depois faleceu eu acho que foi em 83, né? Se não me engano. Aí eu fiquei sempre coordenando, aí entrou, como a procura era muito grande, entrou mais gente lá para dar aula, aquela coisa toda.

Sidinéia: Sim, me deparei com um registro de quando contratam mais pessoas.

Beatriz: É entrou... tinha vários. A Giovanna, a Vivi, a Kiti Alquati, a Belinha Laurino. Depois a Rosuíta. Foi bastante gente nessa época. Assim, na década década de 90, entrou uma outra leva. Que aí puxaram bastante para o jazz. Porque, se não me engano, eu fui para Porto Alegre em 84 e fiquei fazendo aula de tudo que era lugar. Consegui uma licença, só que eu vinha todos os finais de semana. A diretora na época era a Suelma. Ela me chamava sempre, Bia, não sei o que. Bia, não sei que. Aí eu ia vinha todos finais de semana pra gente se ver alguma coisa das danças, aquelas coisas todas. E em 85, eu não tenho bem certeza, mas acho que foi 85, eu abri Ginástica Jazz. Porque, até então, era só Ballet. Aí eu disse vamos lá. Eu tinha andado fazendo uns cursos feito os cursos de Jazz lá com a Eneida Dreyer, aquela coisa toda. Vamos experimentar então a Ginástica Jazz para ver. E funcionou. E depois trocaram lá, na década acho que 90, trocaram para só Jazz, aquela coisa toda. Mas foi lá nos anos 80 que a gente começou com os... E foi com a Suelma também que ela pediu pra gente fazer os programas. Todo mundo nas áreas de Música, das Artes e no Ballet. Aí comecei a fazer os programas todos divididinhos. Porque antes a gente tinha alguma coisa assim escrita, cada um tinha o seu, mas uma coisa mais assim elaborada...

Sidinéia: Mais oficial?

Beatriz: É, foi mais oficial, essa parte pedagógica foi nessa época, que eu acho que foi... não sei se em 85, por aí que a gente começou a fazer essa parte.

Sidinéia: E como a experiência no período em que tu estivestes na escola, porque agora já estás aposentada...

Beatriz: Claro... (risos da entrevistada)

Sidinéia: Como é que isso influenciou na tua vida? Porque tu viveu o tempo todo lá dentro né, então como é que isso...

Beatriz: Exato! Foi quase todo o tempo. Na verdade eu só dei uma saidinha. Fui dirigir o Teatro né, em 89.

Sidinéia: Foi dar uma voltinha logo ali...

Beatriz: Fui dar uma voltinha... Aí depois retornei, acho que foi em 95. Eu retornei. Mas a gente sempre teve contato porque o Teatro lá tinha as apresentações também, aquelas coisas todas. A minha experiência na verdade foi... Na escola, pra mim, era, vamos dizer, minha segunda casa né. Acho que como tu dissestes né, também. E a gente aprende muito. A gente aprende com os alunos, a gente aprende com os pais, a gente aprende com os colegas. Então nessa trajetória toda foram, na verdade só contando a parte de magistério, foram 38 anos né. Fora toda a outra parte que eu fui aluna. Quer dizer que é uma vida, vamos dizer assim. Então, eu acho assim que como eu passei por todas as coisas como eu te falei, eu fui aluna, eu fui professora, eu fui coordenadora de área, eu fui secretária, eu fui vice diretora, eu fui diretora e sempre dando aula. Fazendo em paralelo. Porque eu acho que a gente não pode perder o vínculo. Eu acho que uma diretora de uma escola de arte tem que estar sempre em contato. Se por acaso tu não tá dando aula, tu tem que estar em sala de aula também. Entrar, perguntar, passear, que nem eu digo, ali na salas. Conversar com os pais. Saber o que estão esperando. Dos alunos também. É uma maneira de agradar e segurar o aluno. Porque ele tem que gostar daquilo que ele faz. Então, a gente tem que ensinar não só a parte técnica, mas a gente tem q ensinar a gostar muito daquilo.

Anexo D – Transcrição da Entrevista nº2

Entrevistado(a): Vivianne Martins Silveira

Data: 19/10/2021

Local: Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, Rio Grande - RS

Sidinéia: Então, entrevista com a Viviane, que foi minha primeira prof de balé. Então, Vi, como foi a tua chegada na escola?

Vivianne: Em mil, em mil novecentos e setenta e um, antes até, eu não sei a data que comecei a fazer aula aqui. Aí eu fazia aula de ballet clássico e jazz. E em mil novecentos... lá na escola de Belas Artes. Aqui na escola de Belas Artes. E aí em 1982 eu fui convidada pra dar aula de ballet clássico e jazz na escola onde estou até hoje.

Sidinéia: Ah que legal. Então tu nunca... tu nunca chegou a sair né?

Vivianne: Não. Sempre fiz aula aqui.

Sidinéia: Já engatou direto.

Vivianne: Já engatei fazendo aula, depois já fui dando aula e virei mestra.

Sidinéia: (risos) Que ótimo!

Vivianne: E dei aula pra ti.

Sidinéia: Principalmente!

Vivianne: Pequeninha...

Sidinéia: ãhn e aí eu te pergunto assim, como a experiência no período que tu permaneceu na escola tanto quanto aluna quanto professora né? O que que isso influenciou na tua trajetória de vida?

Vivianne: Ah, pra mim foi muito importante. Influenciou que... Muito satisfatório, pois além de eu fazer o que eu mais gostava, que era dançar, eu virei professora. Era tudo que eu queria, que tô até hoje dando aulinha. Agora que eu já estou aposentada estou na secretaria. Mas dei aula o tempo todo e pra mim foi muito significativo. O que eu mais gosto de fazer é dançar.

Sidinéia: (risos) E...

Vivianne: E virou minha profissão, Né Sidi?

Sidinéia: Sim, por que...

Vivianne: Virou minha profissão, né? Comecei brincando, dançando, aulinha que eu amava e virei professora.

Sidinéia: Ótimo. E quais são assim as memórias que mais marcaram a tua trajetória aqui na escola assim, que tu mais lembra assim, que tu mais recorda, que tem mais peso pra ti assim.

Vivianne: As viagens...

Sidinéia: Tanto de bom quanto de ruim. Não tem problema.

Vivianne: Ah, de ruim não, de ruim quando a gente é jovem, né? Dá aula e começar dando aula. É difícil, mas sempre a gente... é o que eu gosto de fazer, a gente vai tirando de letra. Mas o que eu mais curtia, que eu mais as lembranças boas é fazer cursos foras, as viagens, ficávamos em todo mundo junto. Me lembro uma viagem que a gente foi a Criciúma, como foi bom. Isso lá em oitenta e dois, trinta anos atrás. E aí essas minha lembranças de viagens, cursos, apresentações, onde agreguei muitas experiências e atualmente a grande alegria que eu tenho é que eu dou a minha aluninha de Ballet virou minha colega de profissão que é a Sidi.

Sidinéia: Ótimo. (risos)

Vivianne: Isso aí Sidi.

Sidinéia: Então tá Vivi, muito obrigada!

Vivianne: Nada, merece!

Sidinéia: Te agradeço Imensamente!

Vivianne: Não sei muito falar, não gosto de falar, tenho vergonha, mas deu.

Sidinéia: Não, não tem problema.

Vivianne: Tá meu amor?

Sidinéia: Obrigada!

Vivianne: Um beijo!

Anexo E – Transcrição da Entrevista nº3

Entrevistado(a): Vanessa de Oliveira

Data: 23/10/2021

Local: Studio de Dança Vanessa de Oliveira, Rio Grande - RS

Sidinéia: Entrevista com Vanessa de Oliveira, obrigada primeiramente Vanessa. ãaa... Então a gente começa assim, como foi a tua chegada na escola?

Vanessa: Bom, primeiramente eu agradeço o convite né. Muito feliz por tá fazendo esse depoimento, de uma história de tantos anos assim, fico muito agradecida pelo reconhecimento também (risos). Bom, então, eu comecei em 1989. (risos) ãaa... com 4 para 5 anos de idade, né. Claro que por intermédio da minha mãe, né. Comecei bem pequenininha e e fui sair só depois de adulta praticamente. Foram vinte e três anos na escola, bem vividos e bem felizes assim, foram anos que de fato marcaram a minha vida, né. Porque eu cresci, né. Na adolescência eu tava lá e depois de adulta também. Então foi praticamente a vida inteira assim.

Sidinéia: Entre ahm aluna e professora tu não saiu neste período?

Vanessa: Não. Não. Foi foi uma consequência assim.

Sidinéia: Não, eu te pergunto isso porque a Bia, né, ãh ela fez... é... foi aluna e aí ela saiu por causa da faculdade, um período e aí voltou, depois que eu te pergunto assim, né?

Vanessa: Não, eu segui direto, nunca saí.

Sidinéia: E então ahm como a experiência no período em que tu permaneceu na escola influenciou na tua trajetória de vida?

Vanessa: É então eh influenciou totalmente em todos os aspectos né. Porque como eu falei eu cresci, a minha infância foi lá, então... depois adolescência. Eu eu vivia no Belas a tarde inteira, eu eu ia pra lá às duas da tarde e saía às dez da noite. Então eu não via o dia acontecer, né. Pra mim aquilo ali era uma realização e era muito bom. Eu tava feliz em tá ali, foi um período que que passou assim e que eu não me arrependo de nada. Faria tudo de novo. Foi muito bom, foi muito intenso. Eu me entreguei pra escola. E foi foi recíproco assim, né. É... eu vivi momentos inesquecíveis ali. É... eu cresci pessoalmente como eh eu cresci profissionalmente e... e tudo que eu sei foi dali né. A gente viajava, ia pra cursos, festivais, essas coisas mas a escola é minha raiz, né? Não, não, não existe esse lugar assim, tanto que até hoje eu tenho muito prazer em falar que eu sou da escola de Belas Artes, que eu vim de lá e eu não esqueço disso porque eu acho que a gente tem sempre que lembrar da onde a gente veio né. E como foi tão um período tão bom assim que me fez amadurecer já ahm através da dança mesmo né? Que nos exige muitas coisas né. Foi um lugar que me

fez amadurecer completamente como pessoa. Eu sou o que eu sou hoje através do que eu vivi lá né. Por intermédio das pessoas, pela dança, por mim, por tudo. Teve total influência na minha vida. Não tem como não.

Sidinéia: Não dá pra separar, né?

Vanessa: Não, não dá pra separar. Não dá mesmo.

Sidinéia: Então eu te pergunto, ahm quais as memórias assim que mais marcaram a tua trajetória na escola? Independente...

Vanessa: É a mais difícil assim. (risos) Porque tem vários momentos assim, né. Ahm... tá, quando a gente tá crescendo ali no meio da dança, o momento do primeiro solo. É um impacto assim, né. E... eu lembro que... esse inclusive foi um dos momentos que eu que eu eu senti aquele estalinho que eu digo que o aluno tem que ter pra deslanchar, né. Eu lembro que eu eu estudava a tarde e a Bia tinha me pedido pra fazer um duo com outra menina, só que elas ensaiavam a tarde e a noite era com todo o grupo. E como eu fazia aula a tarde tinha... né... a escola, não não ia poder ensaiar e acabou que ela preferiu colocar outra pessoa no meu lugar, por achar que talvez eu não fosse conseguir, né ensaiar com o restante do pessoal. E aquilo pra mim foi um... (estalo de dedos) então tá (risos) sabe? Foi aquele estalinho que deu pra crescer assim, pra dizer eu posso, eu consigo, eu vou te mostrar, sabe. E foi aí e foi desde então no ano seguinte, no mesmo ano se eu não me engano, eu já eu já ganhei o personagem um dos personagens principais que foi no Sonho de Uma Noite de Verão eu era Titânia, a rainha dos elfos e... e depois nunca mais, (risos) nunca mais saí, né. Vieram outros anos e... e eu vou representando a escola ali sempre a frente assim, isso pra mim foi de muito orgulho assim, né. Claro que quando eu comecei a dar aula também é um outro momento que marcou. Foi muito difícil assim a gente a gente assumir tipo o o grupo de dança né da escola quando eu tinha que dar aula pras minhas colegas né. Foi um momento bem difícil assim, desafiador pra mim, que que também me fez buscar estratégias pra conseguir convencer elas de que eu podia, né? Colaborar de alguma forma ahm Ah, tem vários momentos, né. Tem muitas histórias assim, muitas coisas que é difícil falar assim...

Sidinéia: Tem muito tempo né?

Vanessa: É muito tempo né... Que mais?... Gente, ah minha formatura né, de ballet e jazz também foi um momento superespecial que eu achava que quando eu me formasse ali na escola eu já dei um tchau pra ti Vanessa. Não... foi aí que né, a coisa começou ainda mais. Quando eu assumi a coordenação também foi um presente pra mim porque eu sempre quis o grupo, né. E quando criança, né? A gente é criança e almeja coisas... quando eu assumi o grupo eu já fiquei assim, meu Deus e aí depois logo veio a coordenação e eu tinha... Que que tá acontecendo sabe? E... e eu sinceramente acho que foi por merecimento e e acho que foi por competência também, porque eu era cria, eu sou cria da escola, então, né, se eu tava ali era porque eu acho que eu merecia e foi bem bom assim. Também foi difícil, mas foi foi bem legal. Foi um presente pra mim assim. Com vários momentos. Com vários, a gente ia passar a tarde inteira aqui. (risos) Eu não vou fazer isso contigo. São muitos, mas eu acho que esses assim são os mais especiais, né, que que me fizeram. Vamos ver... Né...

Claro que quando eu saí também foi um outro momento bem difícil assim... que, né, no primeiro momento a gente não entende as coisas como acontecem porque, foi quase de um dia pro outro. Mas, de certa forma, também me alavancou pra vida né. Me fez abrir os olhos pra outras coisas. Hoje eu tenho a minha escola que eu nunca tinha pensado, de verdade, eu nunca tinha pensado em abrir uma escola. Que... eu não não sou muito assim muito boa em administrar coisas, em comandar assim, então foi um desafio imenso que também o Belas de certa forma, me ajudou na minha vida.

Sidinéia: Quer dizer, é isso que eu ia te perguntar. Se se essa influência de ter sido coordenadora e ter sido se isso te ajuda hoje em dia na tua escola?

Vanessa: Sim. Com certeza!

Sidinéia: Se isso vem a somar?

Vanessa: Com certeza. Com certeza. Total. Total assim né, porque eu não sabia... Claro, quando eu saí mesmo eu... Meu Deus, e agora? Como é que vai ser agora, sabe? (risos) E... e aí eu tive um dia que eu parei, não, né, não foi ontem que eu comecei. Então eu acho que é possível, vamos tentar! Se não der certo, pelo menos eu tentei, né. Estamos aí, com oito anos, quase nove. É difícil. Todos os dias é muito difícil. Ainda mais né, com uma pandemia no meio do caminho. Mas seguimos adiante. Graças a Deus, estamos passando por esse momento né, que é tão difícil, tão desafiador. Mas... me faz ficar firme assim é... justamente por tudo que eu já vivi, eu acredito né. Embora a escola seja municipal né, aquela coisa que é mais de certa forma mais tranquilo assim, né, eu aprendi muito assim. Quando a gente quer a gente consegue né, tem que seguir. E a dança também faz a gente sentir isso né. Se tu faz uma pirueta, tu vai querer fazer duas, e três, e quatro... e assim tu vai. É que nem os "fouettés".

Sidinéia: Mola propulsora... (risos)

Vanessa: É! Exatamente! Então, tudo isso me influencia até hoje, assim. E é o que eu falo pros meus alunos né, não desistam. Desistir é fácil né. Tenta! Primeiro tenta muito! Depois, se não conseguir, tenta de outra forma. Mas não desiste nunca! E acho que é isso assim, acho que é isso...

Sidinéia: E a escola eu acho que, por ser escola também propicia né?

Vanessa: É. Exatamente.

Sidinéia: Esse tipo de pensamento na gente né.

Vanessa: Exatamente.

Sidinéia: É diferente.

Vanessa: Sim. Sim. É muito. Acho que é isso...

Sidinéia: Então tá. Muito obrigada Vanessa!

Vanessa: Eu que agradeço.

Anexo F – Autorização de Depoimento Oral

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Eu, Beatriz Batzatz Duarte, abaixo assinado dou e concedo, à Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Curso de Dança Licenciatura, as gravações e respectivos conteúdos imagéticos resultantes do meu depoimento realizado no dia 06/10/2021, sendo uso do material direcionado para objetivos acadêmicos especificamente do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Sidinéia Milano Garcia, intitulado: Dança e Acústica em uma performance de dança cinematográfica. Memórias e Reflexões Sobre a Trajetória Dançante na EBAH2 - Escola de Belas Artes Hector de Barros de Rio Grande RS

Data: 06/10/2021

Assinatura: BBDuarte

Anexo G – Autorização de Depoimento Oral

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Eu, Suzianne Martins Silveira, abaixo assinado dou e concedo, à Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Curso de Dança Licenciatura, as gravações e respectivos conteúdos imagéticos resultantes do meu depoimento realizado no dia 19/10/2021, sendo uso do material direcionado para objetivos acadêmicos especificamente do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Sidinéia Milano Garcia, intitulado: Dança e Docência em uma perspectiva Autoetnográfica: Memórias e Reflexões sobre a Trajetória Dançante na EBAAH - Escola de Belas Artes de Pelotas de Rioeros - RS.

Data: 19/10/2021

Assinatura: Suzianne Martins Silveira

Anexo H – Autorização de Depoimento Oral

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Eu, Viviana Roldão de Almeida, abaixo assinado dou e concedo, à Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Curso de Dança Licenciatura, as gravações e respectivos conteúdos imagéticos resultantes do meu depoimento realizado no dia 23/10/2021, sendo uso do material direcionado para objetivos acadêmicos especificamente do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Sidinéia Milano Garcia, intitulado: Dança e Destino em uma perspectiva Antropológica: Memórias e Reflexões sobre a Trupe de Dançante na EBAL - Escola de Belas Artes UFRS de Pelotas RS.
Data: 23/10/2021
Assinatura: [assinatura]